

T.E.C.A.

A árvore junta cabeças

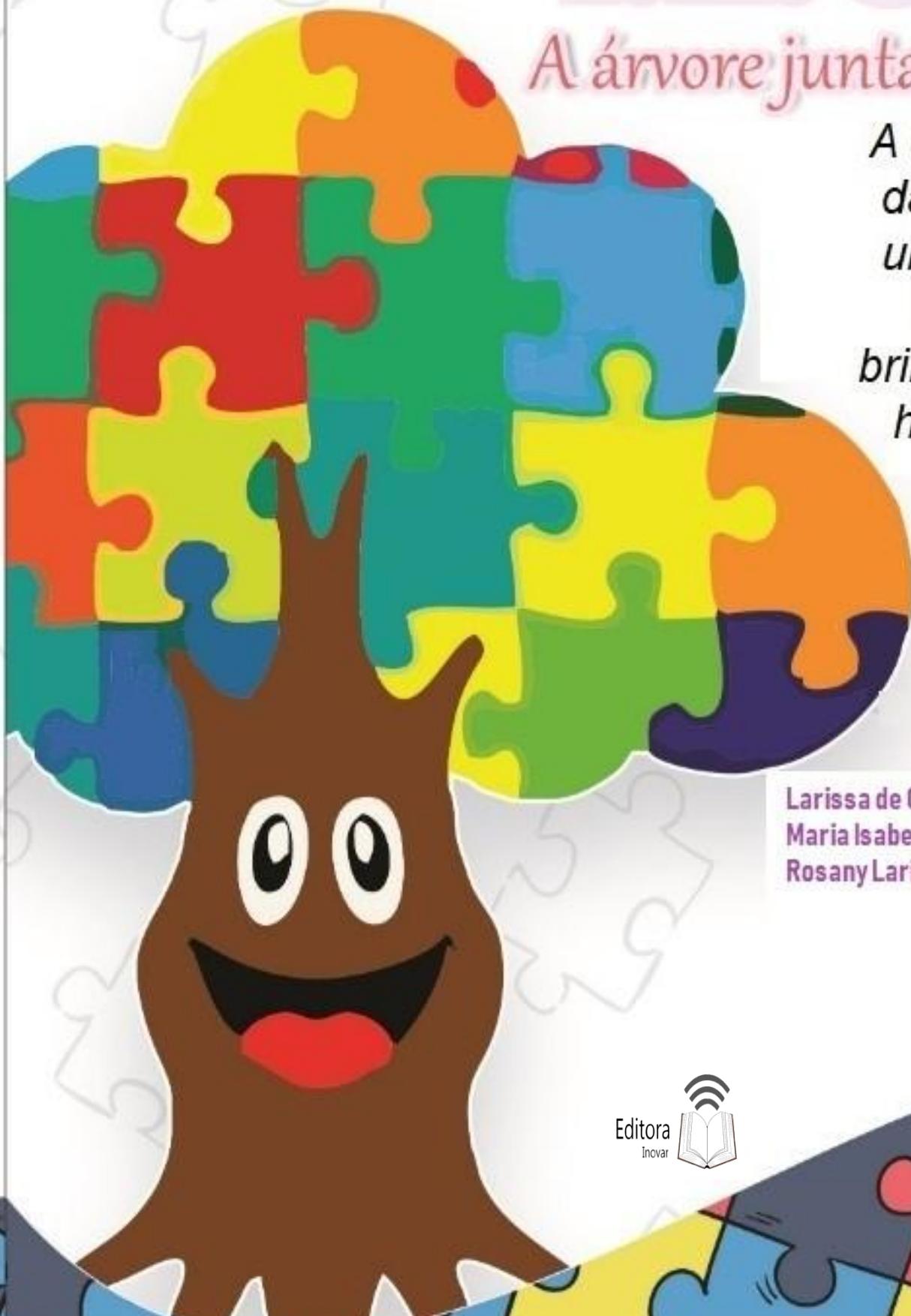
*A experiência
da extensão
univeristária
em uma
brinquedoteca
hospitalar*

Vol 02: Diários
de Campo

ORGANIZADORAS

Larissa de Oliveira Soares
Maria Isabel Fernandes Calheiros
Rosany Larissa Brito de Oliveira

Editora
Inovar



**T.E.C.A. – A ÁRVORE DE JUNTA-CABEÇAS
– A EXPERIÊNCIA DA EXTENSÃO
UNIVERISTÁRIA EM UMA BRINQUEDOTECA
HOSPITALAR: DIÁRIOS DE CAMPO**

Vol.2

**T.E.C.A. – A ÁRVORE DE JUNTA-CABEÇAS
– A EXPERIÊNCIA DA EXTENSÃO
UNIVERISTÁRIA EM UMA BRINQUEDOTECA
HOSPITALAR: DIÁRIOS DE CAMPO**

Vol.2

ORGANIZADORAS

Larissa de Oliveira Soares
Maria Isabel Fernandes Calheiros
Rosany Larissa Brito de Oliveira

Maceió/AL
2019

Copyright © das autoras e dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Larissa de Oliveira Soares; Maria Isabel Fernandes Calheiros; Rosany Larissa Brito de Oliveira (Organizadoras)

T.E.C.A. – A árvore de junta-cabeças – a experiência da extensão univeristária em uma brinquedoteca hospitalar. Volume 2. Campo Grande: Editora Inovar, 2019. 105p.

ISBN: 978-65-80476-35-0

1. Brinquedoteca hospitalar. 2. Extensão universitária. 3. Infância. 4. Pesquisa. 5. Autoras.
I. Título.

CDD – 610

Os conteúdos dos capítulos são de responsabilidades das autoras e dos autores.

Conselho Científico da Editora Inovar:

Franchys Marizethe Nascimento Santana (UFMS/Brasil); Jucimara Silva Rojas (UFMS/Brasil);
Katyuscia Oshiro (RHEMA Educação/Brasil); Maria Cristina Neves de Azevedo (UFOP/Brasil);
Ordália Alves de Almeida (UFMS/Brasil); Otilia Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas
(UnB/Brasil).

COLABORADORES

Alan Lemos da Silva
Alana Beatriz Félix Ferreira
Alanda Maria Ferro Pereira
Ana Beatriz de Melo Calado
Ana Caroline dos Santos Silva
Arthur Barros da Silva
Bárbara Cotard Silva de Lima
Cecília Maria Lima Costa
Débora Rafaela de O. Lima
Ermelinda Chokelanja D. Sabino
Estefane Firmino de O. Lima
Gabrielly dos Santos Sousa
Gisele da Luz Freire Silva
Igor Daniel da Silva Lima
Iracema Gomes Brabo
Itala Letice Pereira Lessa
Janaina Barbosa Calixto dos Santos
Jessica Caroline Sabino Pimentel
Jéssica Kelly Alves Machado da Silva
Júcila de Oliveira Santos
Larissa Lima Gomes
Larisso Dyanne de Almeida Martiliano
Lethícia Karine Silva Inucêncio
Maria Lúcia Vicente da Silva
Michelle Miranda Pereira Camargo
Mickaelly da Silva Machado
Mirla Francisca Rocha Ribeiro
Nívea Kelly Santos da Silva
Pedro Henrique Matias Marques Gomes
Paula Natanyele Santos de Almeida Ferreira
Ruthe Cavalcante Amorim,
Suzy Kamylla de Oliveira Menezes
Thais Mendes de Lima Gomes
Thamires Vitória Arcanjo da Paixão
Victor de Melo Soares

A todos/as os/as usuários/as, familiares, profissionais e extensionistas que tornaram esta obra possível. Que ela possa contribuir para a melhoria e o cuidado integral da criança e do/a adolescente!

As/os autoras/es

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (Hupaa), à Gerência de Ensino e Pesquisa, à Pró-reitoria de Extensão (Proex) e a todas as pessoas envolvidas nessas instâncias, que nos deram apoio para que a T.E.C.A. pudesse fincar raízes.

APRESENTAÇÃO

LUZ, ÁRVORE, AÇAO!!

Olá! Se está querendo ler este livro, provavelmente você gosta de pular corda, elástico, amarelinha, jogar bola de meia, subir na casa da árvore... Este livro é sobre o brincar livre. Mas, não é um brincar livre qualquer, é o brincar livre em uma instituição total. Instituições totais são dispositivos normativos, produzidos para eliminar diferenças, subjetividades, padronizar formas de ser e de viver e transformar a vida da gente em vazios de memórias e afetos. Este livro é sobre o brincar livre em um hospital geral. Os hospitais gerais, comumente, não permitem o brincar. Ou mesmo a entrada de crianças, salvo aquelas que irão ali nascer ou serem hospitalizadas. Dizem por ai que hospital é lugar prá gente grande.

Mesmo fora dos hospitais, ouvimos a todo momento um monte de ditos populares em que o brincar é retirado de cena, eliminado ou controlado. Quem nunca ouviu um adulto dizer: “brincadeira tem hora” ou “não brinque em serviço” ou “quem brinca com fogo acaba queimado” (ou mesmo a versão infantil: “faz pipi na cama”). Enfim, crescemos escutando que o brincar era perda de tempo, coisa de quem não tem o que fazer, sempre em oposição ao trabalhar.

Esse livro nos apresenta um universo bastante diferente deste que nos é passado na relação entre o brincar e o trabalho. Apresenta o trabalho do “Programa de Extensão Território Encantado da Criança e do/a Adolescente: tecnologias leves e cuidado multiprofissional em saúde numa brinquedoteca hospitalar” (T.E.C.A.) da Pediatria do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (HUPAA). Aqui, a gente aprende que “brincar é coisa séria”.

Recebemos um presente, a T.E.C.A. e o que ela nos afeta: vertigens de viagens, sustos de aventuras em terras desconhecidas, arrepios com encontros fantásticos. Encontro neste livro um monte de histórias sobre a T.E.C.A. contadas por gente muito bacana. Gosto muito da

imagem que simboliza o território, sua árvore. Mas não é uma árvore qualquer. É uma árvore que é, também, um brinquedo, um “junta cabeças”, por que “quebrar a cabeça”, não é uma boa.

A T.E.C.A. me lembra poetas, histórias, lembranças que revivem a infância, raízes... inevitável: lembram minha terra, lá nas Minas, e os contadores de causos que conheço. Um, em especial, me ajuda a apresentar este livro: Bartolomeu Campos de Queirós, com um livro chamado “A Árvore”. Faço uma licença poética, uma brincadeira inspirado em seu livro, mesclando-o com a apresentação da T.E.C.A. Aviso aos/as subidores/as de árvores: o que vem abaixo é chão todo feito de palavras/ folhas de Bartô. Se cair do galho, não se preocupe, Bartolomeu acolhe.

Quem chega na Pediatria, de mansinho ou ligeirinho, percebe que a T.E.C.A, esta árvore, é casa para muitos bichos, que só olhos sensíveis e curiosos podem enxergar: passarinhos, borboletas, cigarras, lagartas, formigas...

Passarinhos pousam, repousam em seus galhos, cantam ou ficam calados para bem escutar, de longe, o barulho das praias de Maceió.

Borboletas rebeldes e frágeis visitam a árvore. Borboletas tem vida breve - creio.

Borboleta voa saudade (...) e a saudade só é saudade de coisas boas.

Esta árvore acolhe também cigarras. Os grilos são poucos, mas também moram ali. Dizem que grilo gosta mais de escutar do que de cantar. As lagartas que transitam na árvore são lentas e lerdas por necessidade. Já as formigas são rápidas e passageiras.

A T.E.C.A. produz amigos, encontros, gritarias e muitas risadas. Em outros momentos, dá paz, tranquilidade, aconchegância e silêncio. Tem criança que chega ali e quer subir na árvore. Subir, alcançar e comer seu fruto. Tem criança que chega ali e quer ficar na penumbra... Diz que sente vontade de ser folha, mas de cor azul.

A T.E.C.A. tem mistérios que a gente não consegue decifrar... ela não sabe escrever cartas, nem navegar na internet, mas adora mandar notícias. Suspeitamos que ela decifra pensamentos e afetos. Tem criança que quando está triste - daquelas tristezas que dá vontade de deitar no próprio colo - a T.E.C.A. sabe. Ela sabe segredos... Mas, não diz prá gente. Outro dia ouvimos que ela sabia quem tinha colocado a água no coco, lá nas alturas. A gente tenta adivinhar, mas fica a cada dia com mais e mais interrogações.

Pelo muito que a T.E.C.A. nos faz pensar, temos por ela um respeito danado. Ela não sabe, mas também é nossa professora...

Uma vez, uma criança na pediatria disse que a esperança saltou da T.E.C.A. e veio visitar-lhe na penumbra, de forma tímida, bem quietinha. Essa criança disse que não sabia se outras esperanças se escondia nessa árvore, mas que imaginava que ela guardava muitas esperanças escondidas. Esse talvez seja o maior presente da T.E.C.A. e este livro tão bacana apresenta tão bem prá gente: acolher esperanças.

Por enquanto, a esperança é que essa leitura possa ser uma grande brincadeira. Então, por que está perdendo seu tempo? Como na Amarelinha, pule logo esta página!

Jefferson Bernardes.

NOSSOS FRUTOS – DIÁRIOS DE CAMPO

Alan Lemos da Silva
Alana Beatriz Félix Ferreira
Alanda Maria Ferro Pereira
Ana Beatriz de Melo Calado
Ana Caroline dos Santos Silva
Arthur Barros da Silva
Bárbara Cotard Silva de Lima
Cecília Maria Lima Costa
Débora Rafaela de O. Lima
Ermelinda Chokelanja D. Sabino
Estefane Firmino de O. Lima
Gabrielly dos Santos Sousa
Gisele da Luz Freire Silva
Igor Daniel da Silva Lima
Iracema Gomes Brabo
Itala Letice Pereira Lessa
Janaina Barbosa Calixto dos Santos
Jessica Caroline Sabino Pimentel
Jéssica Kelly Alves Machado da Silva
Júcila de Oliveira Santos
Larissa Lima Gomes
Larisse Dyanne de Almeida Martiliano
Lethícia Karine Silva Inucêncio
Maria Lúcia Vicente da Silva
Michelle Miranda Pereira Camargo
Mickaelly da Silva Machado
Mirla Francisca Rocha Ribeiro
Nívea Kelly Santos da Silva
Pedro Henrique Matias Marques Gomes
Paula Natanyele Santos de Almeida Ferreira
Ruthe Cavalcante Amorim,
Suzy Kamylla de Oliveira Menezes
Thais Mendes de Lima Gomes
Thamires Vitória Arcanjo da Paixão
Victor de Melo Soares

*Esse livro é composto de trechos dos diários de campo de seus autores,
dispostos em ordem aleatória.*

O sorriso contagiente e transformador de uma criança muda a nossa percepção de mundo

Os dias vividos na T.E.C.A., para mim, são fora do comum. Sempre que chego, convido as crianças e suas mães para irem à brinquedoteca. Quase sempre, há crianças dormindo, mas, aos poucos, elas vão chegando e alegrando o local.

Algumas crianças nos marcam. C., menino de uma empatia e alegria incríveis, está lutando contra um câncer, mas não demonstra nenhuma característica de tristeza ou algo relativo a isso. Ao contrário, brincamos de UNO e rímos um pouco. Há, também, J. M., que só, quer estar próximo à mãe: brinca conosco, mas com a mãe por perto, sempre! Depois dele, tem B. Ah! Sempre fico emocionado quando a vejo chegar. É uma menina doce. E o que falar da G.? Essa me cativou. Conversamos, lemos um pouco de história em quadrinhos. Vi-a sorrir, timidamente, mesmo com todo o contexto de saúde em que se encontrava.

Os dias na T.E.C.A. são reflexivos, pois, por um lado, vejo a luta de crianças contra as enfermidades que as afigem, mas, por outro, vejo a alegria de brincar, a alegria de viver... E isso me faz pensar o quanto a vida uma linha inimaginável. Nesta, os nossos problemas sempre estarão ao nosso lado, ou à nossa frente, mas nunca, nunca podemos deixar que eles nos tomem ou nos abatam. É preciso perseverar com um sorriso bonito, como o de B., o de C. e o de G. Apesar de todo o contexto em que se encontram, permanece, em cada um deles, a alegria de viver e de ser criança! Por isso, o projeto T.E.C.A. é muito mais do que um projeto de extensão: é um aprendizado diário para quem participa, trazendo um desenvolvimento pessoal, profissional e reflexivo sobre como a vida pode nos moldar e, mesmo assim, podemos buscar o melhor, como as crianças que compartilham um pouco das suas vidas e de suas vivências diárias.

Relato de uma extensionista: ludicidade e encanto

O projeto de extensão T.E.C.A. foi criado com o intuito de criar uma experiência única com crianças e adolescentes hospitalizados, com a dimensão da vivência na ludicidade.

Minha participação na extensão teve início no mês de maio de 2018. Meu primeiro dia foi único e encantador: fui bem recepcionada e estava cheia de expectativas. Os profissionais responsáveis me receberam muito bem, e, já no primeiro dia, me senti parte da família. Sí, família! A T.E.C.A. tornou-se minha família, pois desse projeto emanam amor e dedicação.

É bastante difícil resumir minha experiência no projeto, pois ele me proporcionou e proporciona muitos momentos particulares e incríveis. Posso afirmar que a T.E.C.A. me transforma diariamente, pois aprendo muita coisa na brinquedoteca. É uma experiência muito enriquecedora: ela enriquece não só minha vida acadêmica, mas, também, minha vida pessoal. Sinto-me mais viva e mais humana depois que comecei minha atividade na T.E.C.A.

T.E.C.A. significa Território Encantado de Crianças e Adolescentes. Sou a prova viva de que esse nome foi devidamente colocado, pois quanto encanto e quanto amor existem naquele local...

A maioria dos meus dias são bastante corridos e cansativos, mas, toda vez que entro na brinquedoteca, meu cansaço vai embora e é recompensado através do amor, do acolhimento, dos sorrisos e do carinho que as crianças e os outros extensionistas/ profissionais transbordam.

Fico muito encantada com as crianças, cada uma com sua particularidade, com seu jeitinho especial. É muito incrível como as crianças têm o poder de arrancar sorrisos verdadeiros de forma fácil. Todas elas são carinhosas com todas as extensionistas presentes no dia. Ir à T.E.C.A. é uma das maiores expectativas da minha semana. É como se fosse uma fuga da vida monótona da faculdade. É um sentimento incrível de saber que, apesar de toda a correria da semana, existe um dia em que posso relembrar o quanto é bom ser criança e o quanto é único brincar.

Brincar é uma ocupação tão fácil de se observar, entretanto, tão difícil de definir e de caracterizar, pois brincar é uma ocupação complexa.

É válido ressaltar que, através do projeto, eu tenho crescido muito, e tenho crescido brincando. Em cada brincadeira, uma aprendizagem.

Todas as crianças, adolescentes e acompanhantes que passam pela brinquedoteca. deixam um pedaço da sua história comigo, e eu amo demais isso. A brinquedoteca é puro encanto e pura magia, não só para mim, mas, também, para as crianças e os adolescentes que por ali passam. Ela é capaz de proporcionar momentos que denomino “momentos de fuga”: fuga da rotina monótona, fuga dos procedimentos invasivos aos quais são expostos, fuga de uma realidade muitas vezes triste. E isso é muito bom. Proporcionar isso é melhor ainda.

Por meio da T.E.C.A., fiz amizades muito verdadeiras, que guardarei sempre comigo. Um exemplo muito forte, para mim, é o de uma criança que me marcou de forma muito especial e única. Infelizmente, ela não está mais entre nós, e isso me deixou muito abalada e triste. Saber que, toda vez que eu chegar, ela não estará mais lá é de partir o coração. Senti muito por sua partida, mas fico com o coração grato por todos os momentos, por todos os ensinamentos e por todas as gargalhadas que ela me deixou.

Resumir minha experiência com a T.E.C.A. é quase impossível, pois não há palavras suficientes para descrever uma experiência tão incrível. Tenho muita gratidão por estar participando da T.E.C.A. e por fazer parte dessa linda e encantadora família.

A ludoterapia no processo de ensino-aprendizagem: um relato de experiência

Desde a seleção para fazer parte do projeto de extensão T.E.C.A., eu já estava nervosa, pois queria muito ser selecionada, em razão de gostar muito de crianças e de ver o quanto importante, socialmente, é o projeto. Dias antes da seleção, comecei a pesquisar, na internet, para saber como funcionava o projeto, mas não encontrei muitas coisas. Fiquei com medo de que minha falta de conhecimento me prejudicasse na seleção, mas, felizmente, isso não veio a ocorrer. Após a seleção, fiquei ansiosa até a sexta-feira, quando recebi o resultado. Fui selecionada! Isso me deixou animadíssima para iniciar os trabalhos o quanto antes. Após a reunião geral e a apresentação do projeto, veio o primeiro dia na T.E.C.A. Mais uma vez, fiquei nervosa, ansiosa e curiosa para saber como seria estar em um hospital brincando com crianças, algo que, aparentemente, é completamente contraditório. Por incrível que pareça, as coisas fluíram muito bem. Conseguí brincar com as crianças sem pensar muito que elas estavam doentes, mas fiquei curiosa para saber sobre os diagnósticos de algumas. Quando saí da T.E.C.A., fiquei pensando sobre esses diagnósticos, com um pouco de pena das crianças. No entanto, percebi que não deveria nutrir esse tipo de sentimento, pois elas não mereciam isso: estavam felizes, brincando, sorrindo e me recebendo com todo seu amor, ou seja, não cabia nenhum sentimento de pena em relação a elas.

Nas semanas seguintes, as coisas foram ficando, naturalmente, leves. Houve festa do dia das crianças, e não parecia que aquelas coisas estavam acontecendo dentro de um hospital. As crianças e seus acompanhantes estavam muito felizes, recebendo brinquedos, comendo guloseimas e participando de brincadeiras. E eu estava me divertindo mais do que uma criança de cinco anos. A T.E.C.A. acabou se tornando uma diversão para fugir do estresse acadêmico.

Com o passar dos dias, fui aprendendo o nome de todas as crianças, bem como entendendo a dinâmica de funcionamento da hospitalização na pediatria. Muitas tinham alta, mas acabavam voltando para consultas ou até mesmo para internação, já que a maioria possui problemas crônicos e, volta e meia, tem suas

recaídas. Dentro de toda essa forma de funcionar, ainda ocorrem os óbitos, a parte que, no início, mais me deixou tensa. Quando a primeira criança faleceu, eu fiquei um pouco assustada, pensando como a família daquele menino estaria, o que me deixou um pouco triste. Porém, tivemos um curso de tanatologia, que me fez repensar e dar um significado a muitas coisas que já pensava sobre a morte. Além desse curso, tivemos diversas outras conversas e palestras. Sendo assim, esse projeto de extensão tem uma função para além da prática do lúdico na brinquedoteca: ele também tem contribuído para a minha formação, a partir das trocas de com os trabalhadores.

A T.E.C.A. me proporcionou conhecer diversas crianças e seus familiares, que passam por diferentes situações socioeconômicas e emocionais, mas que estão, sempre, buscando ver o lado positivo dos acontecimentos. Isso é algo enriquecedor para minha formação profissional e pessoal. Os dias temáticos que temos no projeto são de grande alegria para as crianças e seus acompanhantes.

Ademais, esse projeto de extensão vai além da realização de uma prática. Temos a oportunidade de criar e de participar de atividades com as crianças e seus acompanhantes. Sempre há cursos e vivências voltados para uma maior aprendizagem diante do processo saúde-doença. Assim, trata-se de um projeto que junta ensino e prática, de forma divertida e agradável.

Após esse um ano de extensão na T.E.C.A., me sinto muito feliz por fazer parte do projeto. Não penso em sair, apesar de me sentir cansada, em algumas semanas, por causa de outras demandas da universidade. Mas chegar à brinquedoteca e encontrar aquelas crianças, com as quais já tenho um certo “grande” vínculo, me deixa realizada. Ter o prazer de conversar com as mães sobre suas famílias, suas vidas e trocar conhecimentos também é muito gratificante. Se eu for falar de todos os momentos bons, felizes, tristes e de ressignificação, durante a vivência nesse projeto, um dia será pouco, e terei picos de pressão (risos), porque são fortes emoções.

Às vezes, fico um pouco triste por não conseguir estar mais inserida nesse projeto, por não lutar mais por ele e ajudar. Acabei me envolvendo em muitas

outras coisas da universidade, de modo que, infelizmente, não consigo fazer tudo da forma como eu gostaria, mas, no que eu posso ajudar, eu me faço presente. Finalizo este diário agradecendo a oportunidade de fazer parte de um projeto tão rico em sentimentos bons e cuidado com o outro. Que bom que passei naquela seleção e que continuo fazendo parte da T.E.C.A. Espero que isso continue por longos anos, e com a mesma intensidade e alegria. Mesmo que tenhamos dificuldades, os momentos bons superam, sempre.

Vivência prática no território encantado da criança e do adolescente

No ano letivo de 2018, tomei conhecimento do projeto de extensão da brinquedoteca através de uma mensagem, via WhatsApp, da mãe de uma amiga, que avisava sobre a seleção. Mas o dia coincidiu com uma atividade importante da faculdade, então não consegui comparecer. Fiquei triste, pois todos sabem de minha vontade de lidar com o público infantil, e esse projeto seria o encaixe perfeito, mas aguardei confiante para a seleção do ano seguinte.

No dia 4 de janeiro de 2019, a história foi mais feliz! Nesse dia, houve a publicação oficial do chamamento de novos alunos para comporem a equipe. Programei-me com antecedência e, no dia 23 de janeiro, compareci à entrevista. Lá, além das perguntas realizadas para que os preceptores pudessem conhecer um pouquinho os candidatos, eles também nos apresentaram um pouco da singularidade da vivência na T.E.C.A. Simplesmente, saí de lá mais encantada.

Alguns dias depois, o resultado, finalmente, saiu, e aquela sensação de ver meu nome na lista foi indescritível. Desde então, tenho tido momentos incríveis, momentos de reflexão, pois as crianças têm muito o que ensinar. Descobrimos que tudo vai além de palpar o abdome ou de auscultar o coração. É, de fato, entender o mundinho particular da pediatria, e isso nos faz crescer, tanto pessoal como profissionalmente.

Sempre que a porta da brinquedoteca é aberta, a ideia de território encantado torna-se real, devido ao fato de ela ser considerada um local de refúgio e de liberdade para os pequenos, onde eles têm a possibilidade de brincar com diversos jogos, peças de encaixe, além de poder sugerir atividades que são elaboradas, com muito carinho, pelos extensionistas, como as oficinas de slime, de criação de bonecos de farinha e outras.

Como sabemos, o período de internação não é de fácil aceitação, nem pelas crianças, nem pelos acompanhantes, porque os deixa muito limitados, ou seja, a criança tem aquela ideia de que ficará longe de seus brinquedos e coleguinhas, enquanto o acompanhante ficará limitado, em suas atividades, por ter que se

dedicar a ficar com a criança, no hospital, durante esse período. Logo, além de desenvolver as atividades com as crianças, os familiares também são inseridos na proposta que a T.E.C.A. oferece: eles têm a oportunidade de participar de oficinas de bordado, de criação de porta-retratos e outras. Tudo isso, de fato, é importante. Não apenas eles se divertem, mas nós, extensionistas, também adoramos esses momentos, pois, lá dentro, todos nós nos tornamos crianças.

Diante disso, observamos as limitações e a vontade de viver que transparece dentro de cada um. À brinquedoteca, chegam crianças de todas as idades e com os mais diversos tipos de patologia. Elas nos marcam e nos fazem repensar a vida, olhá-la com outros olhos. Olhamos algumas crianças e nos questionamos: nem parecem estar doentes. São crianças tão ativas, com tanta presença, que nos levam a uma reflexão: se ele/a, que está passando por um momento tão delicado, leva a vida de maneira leve, por que eu não posso vivenciar o mesmo? E, então, fica a resposta para isso, que é apreciar cada dia de uma vez, ver o lado positivo das coisas e viver o presente, o agora.

A oportunidade de entrar e de fazer parte dessa equipe é uma experiência ímpar e enriquecedora, que nos impulsiona a sermos melhores a cada dia, só para tentar pôr um sorriso no rostinho de uma criança. A T.E.C.A. é, realmente, encantada, e quem passa por ela não permanece o mesmo: é modificado de forma positiva. Gratidão por esse projeto, que só nos dá uma preocupação: qual será a brincadeira da semana que vem?

Brinquedoteca: cuidado, afeto e vínculos

A vivência na T.E.C.A. do Hupaa tem sido uma experiência incrível. Com essa aproximação, eu percebo, cada vez mais, que o meu desejo é de trabalhar com crianças; que amo a aproximação com o hospital, mais especificamente com a pediatria; e que, com certeza, eu ficaria feliz por passar meus próximos dias ali. Além de estar com as crianças, também me deixam feliz os momentos de integração com as demais pessoas daquele ambiente. Então, nas festinhas, seja de aniversário ou de datas comemorativas, confraternizações e reuniões, fico feliz por reencontrar e/ou conhecer extensionistas do mesmo ou de outros turnos que o meu, de ter um momento com as mães das crianças, com as próprias crianças e com os/as profissionais. As oficinas com as crianças e suas mães/famíliares/profissionais também possibilitem essa aproximação. Eu percebia que, no período da manhã, essa aproximação era maior, pois possibilítava estar em contato com todos esses atores/atrizes ao mesmo tempo, e agora, no período da tarde, estamos trabalhando para o mesmo crescimento.

No período da manhã ou da tarde, cada dia é único, assim como cada criança, cada conversa e cada brincadeira. Nunca se sabe o que esperar. Eu procuro, sempre, estar em contato com alguma criança, em todos os momentos em que estou na T.E.C.A. Sei que aquele é um momento delas, para elas desenvolverem sua autonomia, empatia, organização, solidariedade, socialização e tantas outras coisas. Tenho a preocupação de não as deixar “sozinhas”, se percebo que elas querem companhia. É um momento, também, de deixar meu celular de lado e de, com elas, libertar minha criança interior, o que vem a ser muito prazeroso. Os/as outros/as extensionistas ajudam nesse aspecto. Se vejo que nenhuma criança está sozinha e que todas estão recebendo cuidados, fico aliviada. Creio que consigo distribuir bem minha atenção, quando existem muitas crianças e poucas pessoas para olhá-las. Dificilmente, estarei parada e longe de uma criança quando estou ali, e, ao fim do dia, quase sempre, sinto-me leve ao sair de lá.

Apesar dessa tentativa de neutralidade, de se dividir de igual forma entre todas as crianças, sabemos que tal medida não funciona tão bem, e que podemos vir a nos apegar mais a uma criança do que a outra. O momento da alta é um momento imensamente feliz, pois sei que a criança está melhor e que ela vai poder voltar para sua família, seus/suas amigos/as e sua casa. Ao mesmo tempo, é um momento que pode vir rodeado de saudade, por saber que determinada criança não estará ali quando retornarmos. Foi assim com M., que recebeu alta. Assim como o foi com N., no passado, e sei que será com B. Vê-los retornando para uma visita, ou nas festinhas, é de encher o coração. É muito gratificante, também, perceber que a criança lhe modifica, deixa marcas em você, e que você faz a mesma coisa com ela. É muito bom quando, depois de uma semana, no outro turno, quando você acha que a criança não lembrará mais de você (pois já passaram tantos dias, tantos extensionistas e tantas pessoas por ali), ainda assim, ela se lembra exatamente do momento que vivenciou com você, na semana passada. Isso se deu com B., que lembrou de frases que marcaram nosso último encontro, e que falou, ao me reencontrar: "Olha o pão, olha o pão!". Coisas das quais eu nem mesmo me lembava naquele momento. Rever os rostinhos, durante as visitas, também é muito especial, e eu sempre vou me lembrar de N., vestido de palhaço, vindo nos ver, no dia das crianças, bem maiorzinho do que quando saiu.

Além dos momentos alegres, é inevitável falar, neste resumo, dos momentos difíceis e das mortes ao longo desse percurso... A última delas foi a de L., que não era esperada e que trouxe um abalo suposta paz. Ela, que tinha uma luz, um sorriso e uma força que contagiam a todos. Ao receber a notícia, à noite, eu não conseguia parar de chorar. Parecia que alguém da minha família havia morrido, e nem eu consegui entender, ao certo, por que eu chorei tanto e como me apeguei tanto... Esse momento fez-me recordar a morte de C., de P. e de C., estes com quem eu vim a ter uma proximidade maior.

É um exercício diário o de tentar entender que a morte faz parte da vida, e que isso vai acontecer com todos/as. Não sabemos a hora ou o lugar e, por isso, tento tornar a vida dos que ainda estão conosco melhor: compartilhar alegria,

amor, atenção e carinho, para ficar a certeza de que fizemos tudo o que estava ao nosso alcance. Com a T.E.C.A., fica essa impressão: levamos vida, aconchego, calor e cor à pediatria, a quem não teria esse acalanto se não fosse o projeto.

É muito lindo ver, também, o quanto o projeto cresceu, o quanto se expandiu desde que entrei. Ingressei, na brinquedoteca do HU, no ano de 2017, e, agora, em 2019, fico imensamente feliz por ver novas pessoas engajadas, novos projetos surgindo da T.E.C.A. e novos frutos. É lindo ver, também, o quanto as pessoas do projeto se mobilizam, o quanto formamos uma verdadeira família e o quanto fazemos o possível e o impossível para que cada criança/familiar se sinta especial, naquele espaço, apesar das dificuldades encontradas ao longo do percurso.

Aprendizado constante

Conheci o projeto da T.E.C.A. através de uma amiga, que me chamou para participar da seleção e me mostrou o anúncio, no site da minha universidade. Interessei-me, logo de cara, e fui buscar mais informações de datas e locais. Mesmo assim, fiquei com receio, uma vez que nunca havia passado por entrevistas em busca de vaga em alguma ação de extensão. No entanto, decidi que iria participar, pois, mesmo que não conseguisse entrar, estaria ganhando experiência. O fato de poder estar presente em um ambiente hospitalar, interagir com crianças (algo que eu já vinha fazendo em outros projetos de extensão) e poder levar um pouco de entretenimento a elas, que estão passando à por um momento muitas vezes tenso, parecia ser gratificante. Acredito que participar de oportunidades semelhantes a essa é importante para todo acadêmico. Eu sabia que tudo isso iria contribuir para a minha formação profissional como cirurgião-dentista, pois iria poder me adaptar a variadas situações, mas, acima de tudo, iria crescer como pessoa. Em um mundo extremamente egocêntrico, é necessário que haja profissionais humanos, que não vejam o paciente como sua fonte de renda, mas como alguém que necessita de suporte e atenção para concluir seu tratamento com sucesso.

Quando recebi a notícia de que havia sido aprovado na seleção de novos extensionistas, senti-me realizado e pronto para tal vivência. Além de mim, outro amigo conseguiu uma vaga e, como nós já havíamos trabalhado juntos na área de extensão, através de projetos de intervenção em saúde bucal para crianças em escolas, não só em Maceió, como em Arapiraca, fiquei mais confiante para tal ação. Entrei com as maiores expectativas possíveis e um pouco de medo do novo, pois, apesar de já ter interagido com esse público antes, essa seria a primeira vez em um hospital, onde eu poderia presenciar casos delicados. Mas me apaixonei por tudo, de imediato, e o que eu esperava do projeto foi confirmado, positivamente.

No primeiro dia como extensionista, cheguei cedo e pude observar a ansiedade das crianças, nos corredores da ala pediátrica, à espera da abertura da T.E.C.A., no horário vespertino. Vi, de cara, o quão importante era aquele local

para os pequenos: eles se sentiam acolhidos, enquanto se divertiam das mais variadas maneiras possíveis, tendo momentos de distração em meio aos cuidados clínicos que o ambiente hospitalar exige. Entrei tímido e, nos primeiros minutos, fiquei apenas observando: eles já estavam acostumados com o lugar e sabiam onde ficava cada brinquedo da brinquedoteca. Isso até a criança A. perguntar meu nome e me chamar para jogar UNO, o jogo favorito deles. Daí para frente, familiarizei-me com o projeto, e a timidez foi perdendo espaço, enquanto eu me divertia junto a eles. Logo depois, nos primeiros dias, tive a oportunidade de visitar cada quarto da pediatria, junto à preceptora de odontologia da T.E.C.A. Esse momento foi muito significativo para mim, porque estava participando, diretamente, da minha área profissional, levando instruções às mães sobre os cuidados básicos da higiene bucal dos bebês e dos mais crescidos. Senti, ali, que aprenderia muito no projeto, e que tudo aquilo contribuiria para olhar o mundo de uma maneira diferente, mais atenta e humana, tornando-me um bom dentista. Semanas após minha entrada na T.E.C.A., presenciei o dia mais difícil para mim. Eu imaginava que poderia encontrar situações difíceis, e a capacitação, após a seleção, abordou esse tópico, mas, ainda assim, me surpreendi com algumas. As crianças desse dia pareciam mais fragilizadas do que nos demais em que havia estado presente. Não pude deixar de me emocionar quando, por exemplo, chamei a criança G. para entrar na brinquedoteca e brincar com as outras, e ela me disse que não poderia, pois as pernas dela doiam e preferiria ficar sentada no refeitório. Procurei meios de entreter-lá e animá-la, até que ela optou por jogar videogame e, logo depois, ler gibis. O sorriso dela, enquanto brincava, foi gratificante, pois, naquele momento, pude sentir que a fiz se sentir melhor. Em outra situação, no mesmo dia, nós, extensionistas, brincávamos em conjunto com as demais crianças, e o aparelho hospitalar da criança B. alarmou, indicando que a mesma estava com a pressão alta. Acabei ficando um pouco nervoso e triste com aquilo, ainda mais quando vi uma certa tristeza no olhar dela. O enfermeiro logo chegou para ajustar a máquina e resolver o problema. Posteriormente, conseguimos animar a pequena, enquanto ela cantava suas músicas favoritas de uma forma emocionante.

Por fim, aprendo algo novo a cada dia, na T.E.C.A., e sei que tenho muito a vivenciar. Anseio, toda semana, para chegar o meu dia no projeto, pois me sinto bem, no local, e não vejo a hora passar. Em tempos de rotina cheia, com provas e monitorias marcadas na faculdade, ir à brinquedoteca é um alívio em meio a esses afazeres. Haverá momentos delicados, como os citados anteriormente, mas o importante é saber lidar com eles e visar, sempre, ao bem-estar das crianças, levando sorrisos e diversão ao seu cotidiano.

Sobre vivência e afetações...

Minha jornada, no projeto, iniciou-se em 2018. Assim como compartilhei durante a seleção - algo que dificilmente esqueceria, pois nem mesmo acreditei quando fui selecionada -, tendo a compreensão de que o hospital é marcado, socialmente, de forma negativa e vivenciado enquanto ambiente nostálgico, desconhecido e, por vezes, violento, a oportunidade de participar de um projeto tão bonito, com o intuito de proporcionar um ambiente tão repleto de potencialidades, foi (e tem sido) deveras marcante, em todos os sentidos. Tenho percebido e sentido que, com o passar do tempo, o maior de todo e qualquer aprendizado tem sido a perspectiva de cuidado, desde o olhar até a forma de receber quem chega e de se despedir de quem está indo. Não somente com as crianças e as/os usuárias/os que as acompanham, mas comigo também.

Meus encontros iniciais, na brinquedoteca, foram com crianças mais jovens, bebês. Nesses encontros, percebo que fiquei mais restrita a elas, encantada com as brincadeiras e, certamente, envolvida nas fantasias. Nessa fase inicial, não me deparei com quadros clínicos graves. As visitas eram passageiras - e que bom que eram -, mas guardo, com carinho, cada rostinho que vi ali. Um tempo depois, os quadros já não eram mais tão simples, e confesso ter sido difícil lidar com a possibilidade de luto, devido às experiências pessoais ainda não tão elaboradas, mas nem por isso deixamos de compartilhar muitas risadas juntas e juntas.

Ao longo do percurso, cheguei até mesmo a conhecer um cantor de forró e um ótimo fazendeiro, ambos com quatro anos de idade. Uma desenhista incrível, um pintor, um quase cinéfilo, um amante de cães, uma competidora nata, um piloto de corrida que adorava o Mickey, uma amante de tecnologia, uma excelente adoradora de histórias, enfim, diversas e diversos artistas dos quais o mundo, certamente, vai ouvir falar um dia. Tenho certeza disso!

Lembro-me de ouvir, com frequência, “eu trabalho com apego”. A insegurança do luto não me impediu de internalizar isso também. Apesar das

passagens tão breves, esse apego me fez ficar e reunir forças, mesmo em tempos mais sombrios. Mesmo com o luto vivenciado, recentemente, por todas e todos nós.

Ao longo desse período, para além das crianças e dos adolescentes, percebo que fui buscando maior aproximação para com as/os acompanhantes, considerando que é preciso conhecer a história delas e deles, para acolhê-los também, pois, assim como nossas anjas e anjos, elas e eles também são afetados e desgastados pela experiência. Tenho aprendido que as respostas, por vezes ríspidas, e a recusa ao diálogo não são e não devem ser entendidas como direcionadas ao ego de quem quer que seja, mas uma resposta ao sofrimento vivenciado por eles e elas. Dessa forma, reafirmei, novamente, a certeza do quanto importante é falar em um mesmo “índio”, em um local onde a linguagem científica é apresentada como norma por várias e vários profissionais da saúde, e de que a escuta, em um ambiente hostil, é capaz de trazer ao menos uma parcela do conforto tão desejado.

Dito isso, a política de humanização e de manutenção da brinquedoteca (que, para mim, é posicionamento político), enquanto espaço possível, também, para elaboração das vivências e retomada da infância, inevitavelmente prejudicada devido à doença, tornaram-se temas presentes e ainda mais significativos para mim, seja enquanto pessoa, seja enquanto futura profissional de psicologia. Não se trata de dar voz a quem quer que seja, de tornar humano o que já é, mas de acolher, de caminhar junto para a retomada de autonomia, quando a capacidade de escolha é, constantemente, podada. Trata-se de se permitir e de abraçar a oportunidade de tornar a carga da experiência do outro mais leve, bem como de propor e, em conjunto, buscar ressignificar a experiência hospitalar, para que seja possível enfrentar um novo dia de exames, aceitar iniciar um novo tratamento, tomar uma nova medicação...

Além disso, a possibilidade de diálogo com extensionistas de cursos distintos e a relação de confiança e carinho com as/os profissionais do setor fizeram-me sentir, na prática - e para além dos textos debatidos -, a importância de um trabalho multi, inter e transdisciplinar, onde o bem-estar das crianças e dos adolescentes, bem como de usuárias e usuários, move toda a equipe em direção a

uma perspectiva de cuidado abrangente e permite que todas as vozes sejam ouvidas e que todos os saberes sejam considerados em prol de um objetivo comum. É a partir disso que as barreiras da formação se rompem, e não existem “mundos profissionalizantes”, mas uma rede de cuidados comprometida com a saúde, que permite um repensar da própria prática. Ir além dos objetivos particulares para abraçar o todo.

Por tudo e com tudo, sinto que tenho aprendido muito mais do que seria capaz de colocar em palavras. Se pudesse definir toda a experiência em uma única palavra, seria gratidão. Por terem visto através de mim, pela oportunidade, por acreditarem que eu também seria capaz de contribuir, pelo acolhimento, pela compreensão, por tudo. A vida e suas intercorrências podem ser cruéis, mas, na brinquedoteca, eu sinto que somos infinitos. E eu amo estar ali. Obrigada!

Momentos inesquecíveis na T.E.C.A.

Quando a brinquedoteca foi aberta, os profissionais demonstravam resistência ao local e não faziam questão de incluir a T.E.C.A. (Território Encantado de Crianças e Adolescentes) como um espaço terapêutico. Mas, com o tempo, tudo isso foi melhorando, porque eles perceberam o quanto o “estar lá” era importante, e o quanto influenciava no tratamento e estimulava as crianças, adolescentes e acompanhantes.

Cheguei à brinquedoteca no início de todo processo e consegui ver quantas evoluções positivas foram apresentadas com o tempo. Nos momentos em que eu chegava à T.E.C.A., os sentimentos eram de ansiedade e de felicidade, pois, a cada dia, acontecia algo novo. Tínhamos descobertas e aprendizados. Todas as vezes em que eu ia ao Hospital Universitário (HU) e o elevador abria, a minha vontade era, sempre, a de conferir quem ainda estava lá e de iniciar a integração com os novatos. Os sentimentos pelos que haviam ido embora eram sempre de felicidade e saudade, uma mistura de sentimentos...

Para mim, a história mais marcante foi a de L., que eu conheci quando entrei, em 2015. Essa menina demonstrava força e vontade de querer ficar bem. E, todas as vezes em que ela tinha uma melhora, ia correndo para a T.E.C.A., chamava-me para cantar, assistir a um filme ou contar suas histórias do interior. Com isso, nós ficamos muito próximas. Ela tinha uma doença que não tinha cura, portanto, ela tinha alta e, logo depois, retornava. Em uma dessas vezes em que ela voltou ao HU, foi para a UTI, e fui visitá-la. A quantidade de aparelhos me surpreendeu, mas nada que me fizesse sair de perto, pois tudo que eu queria era conversar e falar para ela que, quando ela saísse, meu celular já estaria pronto para cantarmos juntas. Com o tempo, ela foi ficando melhor e teve alta.

Durante uma dessas altas, ela completaria ano e, por ser uma criança muito querida, com sonhos e que não tinha muitas condições financeiras, foi decidido que haveria uma festa de aniversário. Era uma quarta-feira e eu estaria no estágio, mas não pensei duas vezes: fiz um acordo para estar presente na festinha de L.

Quando ela chegou e me viu, abriu um sorriso e, com os olhinhos brilhando, disse “que bom que você veio, quero uma foto nossa”. Prontamente, sorri.

Tiramos nossa foto, aproveitamos seu aniversário e ela foi embora. Um tempo depois, ela voltou e ficou interna. Não parecia ser tão grave, devido à forma como ela levava a vida. No meu último dia na T.E.C.A., era o aniversário dela de 11 anos, e nós (extensionistas e profissionais) fizemos um livrinho, para que todos deixassem uma mensagem falando o quanto ela era especial. Ela ficou muito feliz, e eu não sabia, nem imaginava que esse seria o último dia em que a veria, mas tenho certeza de que tudo o que vivemos ficou marcado para ela e para mim, que guardo, com amor, essa lembrança e todos os momentos que vivemos juntas.

Visto isso, percebo que o Território Encantado de Crianças e Adolescentes (T.E.C.A.) é um espaço acolhedor que visa ao bem-estar da criança, do adolescente, mas, também, de seus acompanhantes/ familiares, que buscam um local de apoio para desabafar sobre suas questões de tempo de internação e que demonstram se sentir mais à vontade e felizes ao vê-los brincando e, muitas vezes, facilitando a realização dos procedimentos. A T.E.C.A. é um local de aprendizado constante e serve para distribuir amor, com trocas tanto de experiência como de conhecimento. Vale ressaltar que as pesquisas comprovaram que a presença da brinquedoteca, no âmbito hospitalar, reduz o sofrimento físico e emocional, tanto da criança como de seus acompanhantes.

Brinquedoteca: um genuíno espaço de amor e mútuo aprendizado

A brinquedoteca é um espaço cheio de brinquedos e livros que utiliza o brincar como meio de amenizar a dor, bem como promove o aprendizado e o exercício de humanização. Existe a Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005, que fala da obrigatoriedade da instalação de brinquedotecas nos espaços de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação (BRASIL, 2005a). No dia 30 de setembro de 2017, fomos recebidos, na T.E.C.A. do Hospital Universitário, com uma recepção de boas-vindas calorosa e aconchegante. Os profissionais fizeram com que nos sentíssemos em casa e, nos momentos necessários, nos apoiaram. No mês de outubro do respectivo ano, começamos a nossa jornada.

Os primeiros dias foram tranquilos, com a equipe entrosada e receptiva. Nós, os extensionistas, nos reunimos com as crianças, totalmente ávidas por brincadeiras. Apesar disso, tive algumas dificuldades advindas da responsabilidade por mim assumida. No primeiro dia, especificamente, foram quatro crianças, todavia, uma delas não interagia como as outras. Aí, especificamente, começou uma das minhas dificuldades, pois não sabia como fazer o menino se envolver com os demais. Outra dificuldade foram as oficinas, uma vez que eu não sabia fazer trabalhos manuais, então, quando os pequenos pediam ajuda, ficava difícil de apoia-los. Também, quando nos pediam para falar com os pais sobre não deixar as crianças sozinhas, pedir para devolver os brinquedos, pedir aos pequenos para nos ajudar a arrumar a bagunça, bem como quando as crianças eram um pouco revoltadas e acabavam sendo hostis conosco (extensionistas) ou com os próprios coleguinhas, tudo isso me dava uma sensação de impotência e um pouco de insegurança. Outra dificuldade eram alguns jogos que eu não sabia jogar, mas, com o tempo, pedía ajuda das próprias crianças, o que proporcionava um momento de aprendizado mútuo e de diversão. Por fim, havia dificuldades de comunicação com algumas crianças portadoras de síndrome de Down, pois, quando elas não se comunicavam, eu, particularmente, não sabia como agir naquele instante. Outra dificuldade, sem dúvida, foi a morte de

algumas crianças, que causava em mim uma dor forte. Porém, com o passar do tempo, foi sendo mais fácil lidar com algumas dessas coisas, à medida que fui adquirindo experiência.

Houve momentos mais cansativos, quando as crianças brincavam em demasia. Mas, apesar de gerar cansaço físico, todo momento era superado com cada agradecimento ou gesto de carinho, como abraços, beijos, desenhos feitos em nossa homenagem etc. Esses momentos geravam, em mim, uma satisfação pessoal muito grande. Por exemplo: num determinado dia, um menino pediu para jogar o “cara a cara” pela manhã inteira, o mesmo jogo sem parar, porque, apesar de haver outras brincadeiras, ele só queria saber desse jogo específico. Depois, outro menino, chamado F. B., sentou-se no meu colo e não saiu até dormir e a mãe ir buscá-lo. Em um dia específico, J. K. pediu uma música, colocamos e ele dançou, mas, depois, ele se mostrou arreio, fazendo brincadeiras que poderiam machucar a colega, bagunçando as coisas. Solicitamos a presença dos pais, e as coisas foram apaziguadas. Em todas as sextas-feiras, tínhamos a contação de histórias, quando os preparávamos para a chegada da equipe. Por vezes, eu conseguia vê-los com os olhos brilhando, um sorriso no rosto, o encantamento, a vontade de fazer parte da história. Era um momento prazeroso de presenciar. Nos dias posteriores, as coisas já aconteciam naturalmente. De repente, já estávamos na mesma sintonia, eu e as crianças: quando eu percebia, estava brincando, pintando com elas. Por vezes, voltei a ser criança, e isso foi magnífico.

Agradeço, imensamente, ao pessoal da T.E.C.A. a oportunidade de realizar um sonho, o suporte nos momentos de dificuldade, o entendimento quando eu não sabia lidar com algo e a ajuda para caminhar nesse projeto, tornando a minha jornada mais leve, proveitosa e fascinante. Agradeço o fato de me darem a oportunidade de trabalhar com pessoas de outros cursos, com outras ideias e perspectivas totalmente diferentes das minhas, mas unidas por um único propósito: proporcionar às crianças uma estada menos cansativa. Junto a todos, consegui entender o objetivo da humanização e a interdisciplinaridade na prática. Desejo longevidade a esse projeto, para continuar ajudando as pessoas, enchendo

seus corações de esperança e carinho, bem como fazendo o ambiente hospitalar menos hostil.

Encontros e conexões

No mês de outubro de 2017, tomei conhecimento de um projeto de extensão que estava selecionando estudantes de determinados cursos da Ufal, inclusive de Psicologia, para fazerem parte da equipe. Coincidemente, é um projeto do qual ouvi falar bastante, em 2016, por intermédio de duas colegas do curso. No mesmo dia, uma amiga da Uncisal enviou-me mensagem falando sobre o projeto. Apesar de já ter comentado com ela sobre meu desejo de fazer parte de um projeto que trabalhasse com crianças, a contação de histórias chamou muito minha atenção.

Enfim, fiquei pensando se me inscreveria ou não, por duas razões específicas: a dificuldade que as pessoas demonstravam em compreender o que eu falava, devido ao meu sotaque, e a minha timidez. Ainda atormentada pelo medo e pela insegurança, tomei a decisão de me inscrever para a T.E.C.A. (Território Encantado de Crianças e Adolescentes) e para a contação de histórias, torcendo para ficar na brinquedoteca, pois, diante de tantas razões, tentava desafiar-me. Fui para a seleção. Visivelmente, estava morrendo de medo e de vergonha. Participei de todo o processo, mas voltei para casa convencida de que não seria aprovada. Talvez pelas minhas respostas, ou pelos alunos/as que lá encontrei. Contudo, fiquei muito feliz pela recepção de toda a equipe e pelo acolhimento.

Dias depois, surpreendentemente, recebi uma mensagem, no WhatsApp, anunciando a minha aprovação. Era definitivo: eu faria parte da T.E.C.A. Foi tão emocionante, para mim, que chorei, pois seria o primeiro projeto de que faria parte desde que havia chegado ao Brasil (academicamente falando), seria a primeira oportunidade de estar junto a crianças e, como disse na seleção, seria, sobretudo, uma tentativa de buscar e de encontrar a criança que em mim existe, mas que se perdeu, ao longo dos anos, por situações da vida.

*O primeiro encontro de que fiz parte foi uma reunião. Tive o privilégio de assistir ao documentário *Tarja Branca*, o que foi fascinante. Apesar de ter brincado bastante (do meu jeito) na infância, foi muito bom aprender muito mais sobre o mundo do brincar, sobre as questões relacionadas ao brincar e sobre o*

lúdico, bem como compreender o caráter científico dessa prática, sua importância na vida da criança e na sua vida futura. Foi-nos passada toda a informação necessária, e tive o prazer de conhecer os coleguinhas.

Os primeiros dias foram estranhos, pelo fato de o meu processo de adaptação ser bastante lento, porém foi mais rápido do que o habitual. Tive o privilégio de estar na escala da sexta-feira, rodeada de colegas incríveis, e tive o privilégio de ter, toda sexta-feira pela manhã, a atividade de contação de histórias. Não poderia desejar algo melhor. A T.E.C.A. tornou-se, rapidamente, um de meus lugares prediletos, e sempre dizia à minha psicóloga que a sexta era o meu melhor dia, que contava as horas para chegar esse dia.

O contato com as crianças foi melhor do que eu esperava: o primeiro abraço, o primeiro sorriso (deixavam-me em lágrimas quando chegava em casa). Apesar da minha resistência para demonstrar os meus sentimentos, todos os pequeninos deixavam o meu mundo de cabeça para baixo (positivamente). Como digo sempre, todos os dias, eu sou quem aprende com as crianças. Ensínam-me a melhor me relacionar comigo mesma, com o mundo, com a vida. Só por estar com todas aquelas pessoas, o estar no Brasil tem valido a pena. Cada um tem preenchido o vazio dos que estão distantes e me dado certeza do que quero ser e fazer.

A Sarah e a Vanessa me ensinam, todas as vezes, que é possível ser uma profissional maravilhosa e ser humanizada sempre. Elas me impulsionam a lutar, todos os dias, para me tornar uma ótima profissional no futuro, a ter esperança de que é possível trabalhar, incrivelmente, de forma interdisciplinar, multiprofissional e transdisciplinar. Como digo sempre aos/as companheiros/as da T.E.C.A. e da vida, às vezes, tenho dificuldade de saber se elas (Vanessa e Sarah) são pessoas ou anjos. O trabalho com a Isabel (contadora de história), com o Luciano (psicólogo e residente no HU) e com a forma que eles têm de lidar com todos/as os/as profissionais do hospital é, simplesmente, fascinante, impossível de explicar. Só vendo mesmo para aprender com cada gesto de cada um deles.

Em 2018, tive que mudar de escala. Fiquei na sexta-feira à tarde, e posso dizer que não poderia escolher colegas melhores. Sou sortuda, aprendo tanto com elas. Todas são estudantes de Enfermagem, e tem sido uma escola, o convívio. Lembro-me de uma vez em que nenhuma criança veio para a T.E.C.A.: ficamos por lá, nos conhecendo, e a troca foi tão boa! Foi uma atividade muito particular. A T.E.C.A. me mostra, todos os dias, que é um território totalmente encantador. Encanta a mim, às crianças, aos acompanhantes, aos profissionais, ao hospital e a quem se permite conhecer por alguns minutos.

Lembro-me de que, um dia, fiquei sozinha. Todas as coleguinhas tinham atividades em suas faculdades. Houve várias crianças por lá, e realizamos todas as brincadeiras possíveis. Foi um processo de cura tão grande para mim! Aquela envolvimento com o lúdico e com o brincar livre, os sorrisos das crianças, a criação de vínculos, os abraços, tudo constituiu um momento de ressignificação ímpar.

Já faz um ano que estou no projeto, e confesso que não foram apenas dias de alegria, de sorrisos e tudo de bom. Houve os dias insuportáveis e de difícil superação. Cada contato com as crianças, por menor que seja, é particular, marcante e, de alguma forma, há uma criação de vínculos. Perder um/uma deles/as nunca é fácil: o grupo inteiro é encontrado de surpresa e, a cada perda, há um vazio, uma tristeza. Porém, como temos sido lembradas, é importante lembrar-se dos momentos em que conseguimos proporcionar a cada um/a momentos leves, bons, de descanso e de felicidade, para a família e para qualquer criança ou adolescente que por lá passou.

Para mim, em particular, não tem sido fácil, pela dificuldade de lidar com a morte, com o luto. Tenho levado isso para a terapia, porém ainda é delicado. Nos últimos meses, estabeleci vínculos muito fortes com duas crianças, que, por acaso, são irmãs. Na primeira vez em que me disseram que tiveram alta, fiquei muito triste (apesar de ter a certeza de que era a melhor notícia). Tempos depois, uma delas teve que se internar novamente. Nesse período, tivemos uma aproximação

tão grande que eu, particularmente, me envolvi, tão intensamente, que jamais imaginei que aconteceria.

De um minuto para outro, recebo a informação de que ela partiu. Simplesmente, eu me recuso, o tempo todo, a acreditar que isso aconteceu. Tenho acreditado apenas que recebeu alta. Não imaginava que estava tão envolvida! Foi tão intenso que não resisti e chorei durante a atividade (pois aconteceu bem no início do dia da minha escala), me descontrolei diante das crianças e colegas. Apesar de os dias passarem e as coisas se amenizarem, estou tentando digerir todo este momento, e me questiono se consigo permanecer na T.E.C.A. Apesar de todo esse processo de luto ser demorado e dolorido demais para mim, sigo gritando que foi uma das melhores escolhas que fiz.

Todas as vivências, atividades, dinâmicas, brincadeiras, cada detalhe tem sido peça fundamental do grande quebra-cabeça. E tem sido uma experiência riquíssima. As crianças têm sido os/as melhores mestres/as nesse processo.

De extensionista a estagiária

Foi durante minha primeira supervisão de estágio que me dei conta de que já fazia um ano que eu participava do projeto de extensão “T.E.C.A. - Território Encantado de Crianças e Adolescentes: Tecnologias Leves e o Cuidado Multiprofissional em Saúde em uma Brinquedoteca Hospitalar”. O professor perguntou-me desde quando eu fazia parte da T.E.C.A. Pensei um pouco e disse: “Faço parte desde outubro do ano passado”. Ele, prontamente, respondeu: “Ah, já faz um ano”. “Um ano”: foi o que fiquei pensando desde esse dia. E foi esse pensamento que me moveu para escrever este texto, três dias depois.

Resumir minha participação na T.E.C.A. torna-se fácil e difícil. É fácil lembrar-me da Estefane que chegou sem saber direito como era o projeto, se gostaria de participar, se gostariam dela... É fácil lembrar-me da Estefane de hoje, que sabe um pouquinho mais do projeto, que gosta muito de participar e que considera que fez amigas e amigos por meio dessa ação de extensão.

Lembro-me, ainda, de como, muitas vezes, ter estado nesse espaço foi motivo de cansaço físico, mas de uma alegria imensa por poder ir, algumas poucas horas da minha semana, brincar com as crianças e conhecer e conversar com outros extensionistas, que também estariam comigo nessas manhãs ou tardes de atividades. Digo manhãs ou tardes porque não foram poucas as vezes em que fiquei sem “escala certa”, porque precisava realizar reposição de atividades. Desse modo, eu vinha nas férias, depois de uma aula e até mesmo em alguns fins de semana. E isso sempre era algo que me incomodava.

Por meio da participação na T.E.C.A., é difícil mensurar como eu “cresci através do brincar”. Não sou de chorar em público, de reclamar das situações com as pessoas, mas já chorei por alguns anjinhos que voltaram a morar no céu, e reclamei de como as atividades da T.E.C.A. poderiam ser mais valorizadas/acolhidas. Não posso mensurar os aprendizados acadêmicos com a extensão: ideias para trabalhos; visitas ao hospital para disciplinas - incluindo os “abusos” a Sarah e Vanessa para isso; apresentação de trabalhos; conversas com

estagiárias e profissionais para sanar dúvidas; pedidos de ajuda; entre outras coisas. Atualmente, sou uma T.E.C.A. para além do apelido, porque, até mesmo em entrevistas de seleção para monitoria, em aulas e em casa, só falo dessa ação de extensão.

Outro ganho que tive/tenho, e que sempre levarei comigo dessa experiência, é o contato com pessoas tão incríveis que são “exemplos de seres humanos”, para além do exemplo profissional. Isso já começa pela dedicação da equipe multidisciplinar em relação a cada usuário. Nessa equipe, há uma psicóloga e uma terapeuta ocupacional acolhedoras, calorosas, carismáticas, compreensivas e empenhadas em tudo o que realizam (e até no que “não podem” realizar); há os extensionistas, que, mesmo com as demandas universitárias, estão brincando, conhecendo a si e aos colegas; há as estagiárias de Psicologia, que foram/são exemplos e suporte para mim, nesse meu momento de estágio. E o que falar de um atual residente de Psicologia e ex-extensionista da T.E.C.A., que sempre está nos lembrando da importância desse espaço?

*Mas não posso me esquecer dos usuários e de seus acompanhantes. Seres admiráveis em sua força e esperança. Muitas vezes, saí da T.E.C.A. tocada por uma ou outra mãe que tinha ido brincar ou estava dormindo um pouco, enquanto seu filho brincava: “guerreiras!”. Poucos e poucas são capazes de passar meses, e até anos, em um hospital sem estar doente, mas tendo um parente seu adoecido. Os pacientes ensinam-me como a dor e o sofrimento podem ser enfrentados/esquecidos com um sorriso e com pequenos momentos de brincadeira. Lembro-me de um dia em que corri tanto pelos corredores, brincando de bola, que pensei: “Estou morta. Essa criança não cansa, não!”. Nesse dia, recordei *O pequeno príncipe*: “Todas as pessoas grandes foram um dia crianças, mas poucos se lembram disso”. Essas crianças fazem-nos lembrar de como ser criança é importante. Novamente, lembro-me de outra frase desse texto: “Os adultos não entendem nada sozinhos, e é cansativo, para as crianças, ficar sempre explicando as coisas para eles”.*

Fico feliz por eles e elas terem sido pacientes conosco, a equipe da T.E.C.A.

Na T.E.C.A., aprendi/vi sobre o trabalho humanizado no contexto hospitalar, sobre o trabalho em equipe, seja junto aos pacientes, aos cuidadores e/ou à equipe de trabalho, bem como aprendi sobre as dificuldades, na prática, que um trabalho empenhado pode sofrer.

Principaismente, vi que a mudança tem que vir de cada um de nós, porque, assim, poderemos ver, posteriormente, um movimento coletivo.

Desde antes da minha participação no projeto, tinha interesse de trabalhar na área da saúde. Fiz parte do Pet Saúde GraduaSUS, participei de diversos congressos e trabalhos nessa área e desejava estagiar em hospital universitário. No entanto, hoje, quero, com toda certeza, esse campo para futura atuação profissional. Essa certeza, acredito que tem um grande empurrãozinho, que se chama T.E.C.A.

Tudo que eu vi, vivi, senti, na T.E.C.A., remete ao vínculo e à importância do cuidado. Das minhas leituras de graduação, sempre me recordo de Figueiredo (2007, p. 28), quando penso no cuidado.

Esse autor afirma que nossa capacidade de oferecer formas de cuidado precisa ser recuperada, sendo esta “[...] uma tarefa urgente e preciosa, tanto para os agentes de cuidados [...], quanto para todos os humanos”. Por fim, depois de todas as experiências que essa ação de extensão me proporcionou, só posso afirmar que ela foi, é e sempre será um presente na minha vida pessoal e profissional. Por isso, sempre penso: “Gratidão a todos que fazem a T.E.C.A.”.

A magia de crescer brincando

O projeto de extensão que chamamos, carinhosamente, de T.E.C.A. desenvolve atividades com o intuito de criar condições que atendem às rupturas das crianças e adolescentes, com a dimensão cotidiana de vivência do lúdico.

Resumir minha participação na T.E.C.A. torna-se difícil, ao me lembrar de todos os momentos incríveis que esse projeto tem me proporcionado. Tenho certeza de que já não sou a mesma pessoa que chegou àquela brinquedoteca, há alguns meses. Ouvir dizer que a caminhada nos transforma e, em meio ao percurso, ter a oportunidade de participar da família que é a T.E.C.A. tem contribuído muito para o meu crescimento pessoal e acadêmico.

Minhas ações extensionistas tiveram início no mês de maio de 2018. Meu primeiro dia foi encantador! Fui bem recepcionada, tanto pelos profissionais da pediatria quanto pelas crianças internas. Tive certeza de que, ali, daria início a uma experiência incrível. Estava cheia de expectativas.

Lembro-me, perfeitamente, do meu primeiro dia nesse território encantado. De fato, quanto encanto, quanto amor. Tive um dia bastante corrido e cansativo, mas todo o cansaço foi recompensado através do carinho e do acolhimento que recebi. Fiquei encantada com as crianças e com o quanto eram carinhosas com todas as extensionistas presentes. Uma das crianças me chamou atenção por ser muito inquieta e teimosa, mas percebi que suas atitudes pareciam ser decorrentes da carência. A mãe parecia ser muito dura e a tratava de forma grosseira. Amei ouvir, de outra criança, que “o dia foi uma resenha”, pois nem parecia a mesma de quando chegou. Naquele dia, eu entrei na brinquedoteca disposta a compartilhar amor, mas, ao sair, percebi que recebi muito mais amor do que o que eu imaginava que poderia dar.

Desde então, voltar à T.E.C.A. é uma das expectativas da minha semana e, muitas vezes, uma fuga. É maravilhoso saber que, apesar de toda a correria da semana, há um dia em que posso relembrar o quanto é bom e precioso ser criança e, simplesmente, brincar. É válido ressaltar o que sempre digo: através do projeto,

tenho crescido muito “brincando”. Em cada brincadeira, um novo sorriso, uma nova lição: os pequenos sempre têm muito a nos ensinar.

Todas as crianças, adolescentes e acompanhantes que passam pela T.E.C.A. deixam um pedacinho deles comigo, um pouquinho de suas histórias, seus ensinamentos, seus sorrisos. No começo, logo percebi a magia que a brinquedoteca proporcionava para as crianças e adolescentes do hospital, por oferecer momentos em que eles podem fugir da rotina e dos procedimentos invasivos a que, muitas vezes, são expostos. Mas, com o passar do tempo, pude perceber que a magia do projeto ia muito além. Os pequenos não são os únicos beneficiados com esse projeto, mas, também, os profissionais, acompanhantes, extensionistas e cada um que passar por ali.

O projeto de extensão também me proporcionou muitas oportunidades acadêmicas. Através dessas experiências, pude desenvolver trabalhos e submetê-los para publicação. Vanessa e Sarah, sempre muito atenciosas, ajudaram-me muito como orientadoras.

Tenho um carinho imenso por todos que passaram pela T.E.C.A. Fiz amizades que guardarei sempre comigo, como a de uma criança que me marcou de forma muito especial. Hoje, ela não está mais entre nós, e isso me deixou, emocionalmente, muito abalada. Sentí muito por sua partida, mas com o coração grato por todos os ensinamentos que ela me deixou. No dia em que soube da notícia de que a criança à qual eu mais me apeguei havia falecido, o meu diário de campo teve linhas escritas e lágrimas derramadas. Escrevi a seguinte homenagem:

“L. me proporcionou muitos sorrisos e momentos especiais. Há poucos dias, cheguei à T.E.C.A. e perguntei ‘Oi, princesa! Como você está? Tá tudo bem?’, daí ela me respondeu, com um sorrisão enorme no rosto: ‘Melhor impossível’. Ela sempre costumava me responder bem animada e positiva. Apesar de tudo que enfrentava, ela me disse que não poderia estar melhor e brincou e conversou bastante. Enxerguei tanta gratidão e esperança naquele sorriso, que foi impossível não me contagiar. Sigo com a lição de que, na maioria das vezes, esses pequenos, mesmo com tão pouca idade, têm muito mais a nos ensinar do que aprender conosco.

Depois de conhecê-la, é impossível não enxergar a vida mais colorida. Que ela continue sendo luz, como sempre foi!"

É impossível não nos apegarmos a crianças tão maravilhosas, pois são verdadeiros anjos. Consequentemente, torna-se impossível não sentir quando nossos anjinhos vão embora. Compartilhamos sorrisos, histórias, conselhos e muito afeto. Conhecemos um pouquinho da luta de cada um e torcemos por eles. Conforta meu coração saber que, através do projeto, por alguns momentos, durante a luta que enfrentam, podemos proporcionar momentos lúdicos, trazendo alegria e muitos sorrisos.

Lembro-me de como, muitas vezes, esse espaço me trouxe cansaço físico, sempre recompensado com toda energia positiva que emana. E esse é um dos motivos principais que me fazem dar tanto valor ao meu papel de extensionista e perceber que valem a pena a correria e o cansaço por um bem maior.

Se fosse necessário resumir minha experiência com a T.E.C.A. em uma única palavra, sem pensar duas vezes, eu diria "gratidão". Gratidão pela família que me recebeu de braços abertos, pelas crianças que despertam em mim o desejo de me tornar uma profissional capaz de desenvolver um trabalho humanizado, gratidão por todos os ensinamentos que me deram, por todos os sorrisos arrancados e até pelas lágrimas.

Gratidão a todos que são e fazem a T.E.C.A.

Sobre resiliência e o viver criativo

Antes de falar sobre minhas mais recentes e singulares experiências no Território Encantado de Crianças e Adolescentes, projeto de extensão da Ufal que ocorre no Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (Hupaa), gostaria de salientar que, desde o primeiro período em Psicología, venho nutrindo uma afeição muito grande pela área e por qualquer atividade que envolva o conceito ou a participação da criança e do adolescente.

A priori, quero mencionar o quanto feliz e grata eu fiquei ao saber que havia passado no processo seletivo da T.E.C.A., uma vez que havia escutado falar muitíssimo bem, não só das coordenadoras - Sarah e Vanessa, dois seres incríveis -, como também do funcionamento da ação, qual seja, o de brincar livremente, levar sorrisos e proporcionar tardes dispareces do habitual para crianças ou adolescentes do HU. Foi-me dada, pois, a oportunidade de pôr em prática as teorias com as quais já estava e continuo tendo contato na graduação. Quanto a isso, meu muito obrigada.

Até então, tive seis visitas, ou melhor, seis tardes encantadas, doces, iluminadas e enriquecedoras na brinquedoteca do HU. Das crianças que conheci, duas delas tiveram alta médica: uma mandava muito bem na maioria dos jogos; a outra contagiaava a tudo e a todos com seu jeito genuíno e espontâneo de ser. Confesso que fiquei um pouco triste quando deixaram o hospital. No entanto, entendo que isso se deu em função de essas crianças terem ido levar um pouco da grandiosidade portada por elas para suas famílias e círculos afetivos outros.

Preciso dizer, por conseguinte, que é uma experiência mágica fazer parte de uma ação cujo público são crianças e adolescentes. Do mesmo modo, também é fantástico aprender com eles - seja jogando com certos brinquedos, seja desenvolvendo, mais ainda, a capacidade de não deixar meu lado infantil desaparecer. Há, portanto, troca e ganho mútuos. O aprendizado, creio, é um dos saldos positivos para ambas as partes.

Um caso muito curioso, importa ressaltar, foi o de um menino com quem brinquei numa das tardes de segunda-feira. A pedido do médico, dirigi-me até o quarto onde a criança estava. João (e, aqui, utilizei um nome fictício para preservar sua identidade), após terminar de lanchar, voltou a colocar sua máscara de oxigênio. Ao vê-lo, perguntei com o que ele gostaria de brincar, e ele escolheu o pega-varetas. Além disso, disse que não sabia jogar. Eu, de imediato, respondi: “Não tem problema. Aprendemos juntos”.

Em paralelo, houve um momento em que uma médica chegou ao quarto perguntando à irmã de João sobre o seu caso. O menino, ouvindo a conversa, falou: “A última vez que fiquei doente foi no Natal”. Outrossim, quando a irmã saiu por uns minutos – muito provavelmente para chorar –, ele perguntou e disse, respectivamente: “Ela tá chorando, é? Diz a ela que não precisa chorar, não”.

Foram, portanto, essas e outras coisas que me fizeram ver João como uma criança forte, iluminada e, sobretudo, resiliente – quiçá, muito mais que os próprios adultos. Ví, nesse menino – uma criança de apenas 10 anos, salvo engano –, a serenidade, a calmaria e a tranquilidade requeridas, muitas vezes, pelos pais e demais familiares de uma criança ou adolescente internado. Confesso que foi impossível não me emocionar. Foi uma tarde que muito me tocou.

Além desse episódio, presenciei uma tarde em que duas crianças estavam disputando minha atenção ou disponibilidade para poder brincar – isso porque eu havia chegado cedo à brinquedoteca; encontrava-me, até o momento, então, sozinha. Tentei fazer o seguinte acordo: o de que eu brincaria, primeiramente, com um e, depois, com o outro. Infelizmente, nenhum aceitou – ficando os dois, portanto, de cara feia e sem se falar por um certo tempinho.

Trago isso para dizer que o brincar, o viver criativo, ao mesmo tempo em que podem levar as crianças a “brigarem”, fazem, por outro lado, com que voltem a brincar em questão de segundos. Além de as brincadeiras, a imaginação e a liberdade propiciarem a oportunidade de as crianças serem elas mesmas, fazem com que inventem, rompam e se unam novamente – sem “birras” ou ressentimentos.

Concluo meu relato de experiência, portanto, mencionando duas coisas específicas e, para mim, bastante significativas: primeiro, a ideia de que o viver criativo é mesmo uma coisa muito mágica; segundo, a de que a extensão da T.E.C.A. – à medida que me põe em contato com crianças e adolescentes, proporcionando-me sorrisos, reflexões e experiências singulares – acaba, por consequência, viabilizando a oportunidade de eu me enriquecer como pessoa e, sobretudo, como futura profissional da área de Psicología.

À T.E.C.A. e a todos que dela fazem parte, todo meu carinho e admiração. Não fossem vocês, minhas tardes de segunda-feira continuariam imersas na monotonia à qual eu estava habituada.

Minhas palpitações

Sempre que me pego pensando sobre minha entrada na T.E.C.A., fico me questionando qual foi a data exata de meu ingresso. Será que foi quando eu a conheci, no final do ano de 2017, e me alegrei ao vê-la pequena, mas realizando grandes feitos, ou em 2018, quando entrei de forma oficial na grade de extensionistas? Independentemente dessas datas, uma coisa comum a ambos os momentos foram as fortes palpitações de ver que é possível fazer muito, mesmo tendo pouco.

Em setembro de 2018, tive uma grande palpitação. De início, foi de espanto, e me surpreendi comigo mesmo ao me deparar com uma criança que tinha um problema que, a cada vez que emergia, ela tinha que retirar uma parte de sua pele, a fim de não se espalhar mais. Isso fez com que ela perdesse algumas partes de seu rosto. Logo, pensei que deveria sentir, em relação a ela, algo semelhante a pena. Todavia, ela não demonstrava necessitar disso. Muito pelo contrário, ela queria um companheiro para, junto a ela, dançar e cantar funk. Com ela, percebi o outro sentido da palavra empatia: ela não é somente pôr-se no lugar do outro, a fim de compreendê-lo, mas é tentar compreender pelo que o outro passa, estando disposto a estar ao seu lado.

Outra grande palpitação que tive, durante minha passagem, foi com outra grande criança que, sempre em sua humildade, fez com que eu me esquecesse de momentos em que eu deveria agir como um “adulto”, e me fez voltar aos meus tempos de criança. Gargalhávamos de coisas simples, conversávamos sobre o filme da tarde anterior, pintávamos juntos. Eu sempre implicava com ela quando, em um desenho seu, havia borrados e pouco colorido, a fim de fazê-la pegar mais um desenho e, assim, esquecer-se de suas sondas.

Em algumas de minhas visitas ao HU, ela havia tido fortes recaídas em razão de sua fibrose cística, que fazia com que ficasse presa à cama, em função dos incômodos e da indisposição que sentia. Mesmo assim, não tirava seu sorriso, mesmo que, para ele aparecer, tivesse que haver certo esforço. Dessa forma, como

ela não poderia ir até a diversão, a maneira era levar a diversão até ela, e uma de suas melhores diversões era escutar-me contando histórias, principalmente se elas tivessem um suspense, com direito a efeitos sonoros e pequenos sustos. Falando em sustos, não posso deixar de mencionar um grande susto que tivemos durante uma das contações, na qual, durante a história da mulça sem cabeça, os gritos de FOGO! FOGO! mobilizaram a equipe de serviços gerais e algumas outras pessoas para apagar um fogo que só existia em nossas imaginações.

Depois de achá-la que muito aprendi com esse ser que me fazia rir, enquanto ria e falava de maneira rápida e, às vezes, de maneira ofegante, devido ao seu problema de saúde, percebi que, na verdade, aquela adolescente tinha mais força do que muita gente. Era batalhadora e resistente, mas, mesmo depois de muito lutar, todos um dia se cansam. Ela ficou sempre presa na minha lembrança, como uma pessoa que me fez perceber como é bom ser criança.

Entre muitas das minhas idas e vindas à T.E.C.A., sempre me deparei com muitas crianças, e cada uma sempre me ensinava algo valioso, algo que ia muito além de paciência, que é a grande chave, mas, principalmente, como ser humilde, como saber que podemos produzir grandes feitos, simplesmente, deixando-as ser quem elas são. Às vezes, é difícil pensar assim, pois sempre estamos querendo justificar comportamentos. Queremos enquadrar uma atitude momentânea em alguma teoria, mas, às vezes, a única teoria a ser seguida é a teoria do “deixar ser criança”. Como fazer isso? Bom, é muito difícil e fácil. Percebi a fórmula em uma das minhas idas, o que trouxe na minha volta, e trouxe, novamente, no outro dia. Enfim, a fórmula é: deixe-a se expressar, falar, brincar, pintar, assistir, ouvir, rir, silenciar, dormir. No fim, você vai perceber, através do seu sentir, que, aos poucos, irá fazer o correto, de acordo com cada mundo, isto é, com cada criança.

Perceber que uma criança não se resume à sua doença, ou que uma criança não é igual à outra, é uma tarefa árdua. Muitas vezes, sabemos disso na teoria, mas, como falam, “na prática, a teoria é outra”. Isso, pois, é difícil. Seguir um manual é bem mais fácil do que criar um manual específico para cada uma. Mas, no momento em que você criar, você irá valorizar aquela criança, irá aprender e

crescer junto a ela. Você verá que sua infância foi diferente da dela, que elas possuem novas gírias, novas regras, novos gostos, e você irá entender o sentido da frase “no meu tempo, não era assim!». A quantidade de vezes em que você vai dizer ou pensar isso é tão grande que você irá se pegar rindo sozinho, junto a elas e em casa, pois a T.E.C.A. não fica quando você sai do HU: ela lhe segue. É um projeto que faz parte do meu coração, logo é carregado e, devido a ele, às vezes, ainda me pego tendo algumas fortes palpitações.

Brincadeiras, fatos e afetos vivenciados na T.E.C.A. do Hupaa

Desde a realização da minha primeira visita à pediatria do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (Hupaa), surgiu um enorme desejo de fazer parte da equipe de extensionistas do Território Encantado de Crianças e Adolescentes (T.E.C.A.), espaço disponibilizado para a recreação das crianças e adolescentes internados/as e de seus/suas acompanhantes, que dispõe de um acervo de vídeos, livros, gibis, brinquedos e jogos diversos.

Em primeiro lugar, pela possibilidade de colaborar com um projeto que considero extraordinário e por ter a chance de sorver aprendizagem por intermédio de uma equipe de profissionais capacitadas, que dispensam qualquer comentário no que diz respeito à competência, ao exercício da humanização, ao amor às atividades que exercem e ao empenho em defesa do bem-estar físico e mental dos usuários desse setor, assim como de seus/suas acompanhantes e familiares.

Segundo, por, principalmente, ser apaixonada por crianças e ter me fascinado pelo trabalho desenvolvido pela psicóloga Vanessa e pela terapeuta ocupacional Sarah, na brinquedoteca, com as crianças e adolescentes da pediatria, a exemplo de oficinas de pintura, confecção de máscaras e vestimentas de super-heróis, exibição de filmes e comemoração de aniversários. São desenvolvidas, também, atividades para as/os acompanhantes, como as oficinas de móveis, laços e tiaras infantis, bordados e potes ornamentais, o que pode até lhes assegurar uma fonte de renda.

Também me encanta o fato de a T.E.C.A. ter aberto suas portas para atividades multidisciplinares, como a contação de histórias do projeto de extensão Anjos do Hupaa, que transformou as tardes de sexta-feira dos/as internos/as e seus/ suas acompanhantes em uma verdadeira festa. São indescritíveis as sensações experimentadas ao ver os rostinhos extasiados com os fantoches, o brilho nos olhinhos atentos a cada movimento dos/as contadores/as de histórias, além da participação efusiva nas palmas e nas cantorias, durante as apresentações.

Optei por participar da extensão às quartas-feiras, à tarde, por ser o dia do/a irmão/ã, ocasião em que as crianças, adolescentes e seus/suas acompanhantes recebem a visita de familiares e amigos/as com idade inferior a 12 anos. Uma iniciativa inovadora e maravilhosa que, visivelmente, entusiasma os/as infantes, por possibilitar reverem e brincarem, dentro da T.E.C.A., com aqueles/as que a internação hospitalar afastou do seu convívio. A ação traz alegria e conforto aos/às acompanhantes que, por longos períodos, ficam sem manter contato direto, principalmente, com os filhos/as que estão nessa faixa etária.

É uma tarde de abraços apertados e de emoções contagiantes que, certamente, reduz o estresse e o impacto da internação, ocasionando enormes benefícios para o tratamento.

Inúmeros/as dirigentes hospitalares e profissionais de saúde não dão crédito, tendo em vista o fato de a lei 11.104/2005, que estabeleceu a obrigatoriedade da brinquedoT.E.C.A. em hospitais que possuam regime de internação pediátrica, não ser efetivamente cumprida. Nesse espaço lúdico que é a T.E.C.A. da pediatria do

Hupaa, percebemos que o brincar livre perpassa o “simples” intuito de distrair as crianças, adolescentes e seus/suas acompanhantes. Constatamos que essa brincadeira, além de incentivar a autonomia dos/as internos/as, que escolhem, livremente, o brinquedo com o qual querem brincar, promove o fortalecimento de vínculos e afetos entre a criança ou adolescente, o acompanhante e a equipe de saúde. Ademais, possui um cunho terapêutico, na medida em que as crianças passam a aderir aos tratamentos, aceitando melhor os procedimentos, a medicação e a alimentação.

Já o brincar dirigido, constantemente desenvolvido na T.E.C.A., a exemplo do brincar de médico, no qual, de forma lúdica, espontaneamente, a criança reproduz a forma como elabora o processo saúde/doença e o tratamento que está sendo vivenciado, por vezes, provoca efeitos além do esperado.

Nesse sentido, uma situação que muito me emocionou ocorreu com uma criança cujo sabonete, utilizado para tratar uma dermatite, ocasionava ardência. A criança estava se recusando a tomar banho, ou o fazia aos gritos, deixando sua

genitora nervosa. À vista disso, a garotinha foi convidada a brincar de dar banho em sua boneca, o que aceitou prontamente. Antes de iniciar a brincadeira, foi proposta a leitura de um pequeno livro, que contava a estória de um menino chamado Pedrinho Podrinhão, que, por não tomar banho durante meses, estava perdendo seus amiguinhos, porque ninguém mais suportava seu malcheiro. A menina, que, devido às dores que sentia nas pernas, até então, não estava ficando de pé e muito menos conseguindo andar, ouviu, atentamente, a estória, envolvendo-se de tal forma na tarefa de banhar a boneca que, sem se dar conta, simplesmente levantou da cadeira e ficou de pé. Em pouco tempo, a garotinha estava andando e até correndo pelos corredores do hospital, exibindo para todos o quanto sua boneca tinha ficado bonita e perfumada.

Assim, por que não considerar esse espaço mágico, se nele conheci crianças que, por vezes, chegavam tristes e até chorando, por não quererem permanecer no ambiente hospitalar, e que, ao conhecêrem a T.E.C.A., para surpresa dos seus familiares, passaram a expressar o desejo de não retornar para casa? Se esses dois meses de extensão me concederam a oportunidade de vivenciar experiências e adquirir saberes que os três anos e meio de conteúdo teórico, na graduação em Psicologia, e toda a minha experiência de vida não me proporcionaram?

Conhecendo o território encantado

Bom... sobre o meu primeiro dia, posso resumir em uma palavra: motivante!

A primeira criança com quem brinquei foi D., de 5 anos. Não conheci muito dele, pois ninguém conhece uma pessoa em uma só tarde. No entanto, sei que ele tem dois irmãos, que o pai trabalha em uma usina, que tem quatro primos e que o avô joga dominó.

Falando no jogo, foi a primeira brincadeira nossa. Ele ganhou duas vezes seguidas (eu que deixei, “tá”?). Depois, ele me mostrou vários brinquedos que achava legais, pegando todos os jogos, mas sempre não terminando um! Acho que era a vontade de aproveitar tudo, porque sabia que receberia alta naquele dia.

Pois é! Só tive uma tarde para brincar com D. Não sei se fico feliz ou triste, afinal, o fato de ele receber alta é uma coisa boa. O que percebi sobre ele é que é um menino esperto, carinhoso, divertido, falante, feliz e, sobretudo, saudável.

Ah! Assim que eu cheguei à T.E.C.A., foi ele o primeiro que eu vi. Adivinha o que ele disse à mãe? – “Não quero ir embora! Aqui tem brinquedos, eu adoro ficar aqui!”. Despedi-me de D. com beijo e abraço forte, ainda o ouvindo dizer que queria ficar mais um pouco, como se aqui fosse a casa de um amiguinho seu. Pensando bem, aqui é, sim, a casa de um amiguinho, onde todos nós queremos ficar sempre mais um pouco, nos divertindo.

Hoje, quem também passou por nosso território foi o D., um amigo de longas datas, segundo minha colega. Ele chegou bem quietinho, até achei que fosse mais introvertido... Sou muito inocente! Sabe um capetinha lindinho e brincalhão? É ele! Às vezes, mais capetinha do que tudo! Mas tem três aninhos e está começando a entender as regrinhas agora (sim, temos regrinhas do amor que são saudáveis para todos!).

D. bagunça tudo e, de repente, fica um amor. Acho que isso variou a cada dez minutos. Brincamos de tudo um pouco. Outra característica do D. é a dificuldade de arrumar as coisas, mas, aos poucos, vamos trabalhando isso.

Ah! Ele deixou-nos trancadas na brinquedoteca – “Vou trancar as tias!” – e, simplesmente, saiu correndo.

No final da tarde, chegou o P. Não sei dizer muito sobre ele, pois foi uma passagem rápida. Acredito que ele ficará no hospital por mais tempo e voltará à T.E.C.A. Agora são 17h03min, e eu estou indo embora com o peito estufado de alegria.

Pintando o / na brinquedoteca

Olá! Só agora tive tempo para parar e escrever um pouquinho sobre o meu dia na T.E.C.A. Dessa vez, quem esteve comigo foi a J., amiga que a enfermagem me deu, e a E., um amor.

Chegando à enfermaria, eu fui passar nos leitos para chamar os pequenos. Então, em minha busca por amiguinhos para preencher nosso território encantado, encontrei P., uma verdadeira artista! Ao chegarmos à T.E.C.A, dois anjinhos já estavam presentes, K. e D. Falamos que quem decidia o que fazer eram eles, então cada um foi para seu canto, até que P. pediu para pintar meu rosto... Ela me transformou em uma dálmata e, vou contar uma coisa, que menina talentosa!

D., vendo o processo de minha transformação, resolveu que queria ser um tigre, e lá foi E. pintar o seu rostinho. Assim que P. terminou sua arte em mim, eu fui transformar o K. em um leão superferoz. D. fez uma pintura abstrata no rosto de E., e a menina talentosa desenhou uma borboletinha em J. Por fim, ela pintou um arco-íris e bichinhos, no meu rosto e no de J.

Acredito que isso foi uma terapia fantástica para as crianças e para nós. Ao estimular a criatividade e as habilidades dos pequenos por meio da arte, os desconfortos da hospitalização são amenizados. Foi um momento de descontração, em que se estabeleceu um laço de amizade entre todos. A sensação de ter seu rosto pintado por uma criança vai além de sentir as cerdas dos pincéis na pele: você sente o carinho dela, a expectativa que ela tem de ter uma tarde prazerosa, de

fazer novos amigos. Assim, consolídamos a nossa amizade. Naquela tarde, fomos bons amigos que se divertiram muito.

Quando todos estavam pintados, resolvemos fazer um teatro de fantoches. Foi uma atividade sem roteiro: íamos inventando histórias na hora, mudando o rumo dos acontecimentos, narrando situações...

Tudo para deixar o teatro o mais improvisado e divertido possível! E foi! Reparei que as mães foram observando, assim como algumas enfermeiras e funcionários, e eles se divertiam também. O ambiente ganhou mais energia positiva, coisa boa para tornar o restinho do dia de todos menos pesado, contribuindo para a prestação de cuidado.

Ah! P. também passou por lá, por pouco tempo. H. também. Ele tem 2 aninhos e, assim como todas as crianças de sua idade, tem um pouco de dificuldade para entender as regrinhas.

A despedida, como previa, foi com muitos beijos, abraços e um “Tia, vai abrir amanhã?”.

Além do brincar

Hoje, posso dizer que a T.E.C.A. estava cheia e, entre seus visitantes, havia uma menininha fazendo fisioterapia. Ela não estava muito colaborativa no leito, então, a fisioterapeuta resolveu levá-la para a brinquedoteca (ótima opção, não é?!).

Além do processo de hospitalização em si, houve o fato da dor. Então, como estratégia terapêutica, o ambiente em que ela foi inserida contribuiu para o seu tratamento e posterior recuperação. Além disso, o fato de a mãe estar ao lado dela foi muito importante.

Pude perceber que a brinquedoteca surgiu como uma estratégia para ajudar as crianças, os adolescentes e seus familiares no enfrentamento das condições estressantes durante a internação. Ter profissionais capacitados que trabalham com amor e sabem adaptar a rotina do hospital ao mundo da criança, por meio de

um espaço destinado a elas, é algo que me alegra muito. Poder viver isso e aprender com essas experiências contribuirá para que eu me torne a enfermeira que eu quero ser.

Na verdade, já está contribuindo.

Constelação T.E.C.A.

Outro assunto de que venho falar, aqui, é o falecimento de duas crianças, C. e P., mais duas estrelinhas que brilham no céu.

Para lidar com a vida, é necessário lidar com a morte também. Venho descobrindo isso. Ao me imaginar enfermeira, penso que poderei ajudar no processo de recuperação do estado de doença de uma pessoa. Penso que ela sairá do hospital com um sorriso de quem vai voltar para o seu lar, mas nem sempre elas voltam... Às vezes, elas nem têm tempo de se despedir.

Saber lidar com essa possibilidade é necessário. Mas será que é melhor manter-se neutro, distante das pessoas? Não! Não acredito que seja uma boa opção para o ser que cuidamos, nem para nós. É necessário lidar com as perdas, mas é preciso entender que fizemos o possível e o impossível para tornar os momentos de vida dessa pessoa os melhores. Mais importante do que manter a vida em seu sentido biológico é mantê-la em seu estado espiritual.

Tenho certeza de que C. e P. foram felizes em seus momentos na brinquedoteca.

Vivências de uma acadêmica

Estava na faculdade e tinha acabado de sair da prova prática de semiologia quando uma amiga me chamou para a seleção que haveria no Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (Hupaa). Fiquei receosa, pois nunca havia participado de uma entrevista. No entanto, pensei: “Tenho que perder o medo, porque um dia terei que participar de alguma!”. Criei coragem e fui.

Fomos eu e mais dois colegas. Ao chegarmos, estavam Vanessa e Sarah para nos entrevistar. Confesso que o nervosismo foi embora, pois elas me passaram tranquilidade. Conseguí responder às perguntas da entrevista, manifestando interesse nos Anjos do Hupaa. Ao término, as entrevistadoras disseram que ligariam para comunicar o resultado. Saí de lá confiante e, a partir daí, fiquei na expectativa da ligação.

Passou-se uma semana e meia até que, finalmente, Isabel me ligou, dizendo que eu havia sido selecionada e que, na terça-feira seguinte, eu deveria estar no Hupaa. Grande foi minha alegria, uma vez que superei meu medo e, a partir de então, passaria a fazer parte da vida das pessoas que muito precisam de amor, dedicação e carinho.

No dia 15 de maio, estava na faculdade, em uma palestra na Unit, promovida pelo Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) em comemoração à semana da enfermagem. Estava adorando a referida palestra, mas, como seria meu primeiro dia nos Anjos do Hupaa, não iria faltar. Saí às pressas para o ponto, peguei o ônibus e fui ansiosa para o HU. Lá, estavam Isabel e mais quatro colegas. Ensaiámos as histórias a serem contadas e fomos percorrer o hospital, levando alegria para os hospitalizados e acompanhantes.

Fiquei pensativa, pois preferiria atuar com crianças, mas o Anjos do Hupaa percorria o hospital e não ficava focado em crianças. Foi, então, que percebi que o que queria, realmente, era ficar na T.E.C.A.

Falei com I. e ela, muito amorosa, me indicou falar com Sarah, na terça-feira, dia 22. Esta, com muito amor, me acolheu, levou-me para a T.E.C.A. e me

explicou como funcionava. Lá, estava uma extensionista, a N., um amor de pessoa, que também me acolheu muito bem e continuou a brincar com o A. A partir daí, identifiquei-me e pensei: “É neste lugar que eu quero ficar!”.

Uma semana depois, conheci as demais extensionistas do mesmo horário que eu, todas uns amores de pessoa. Fomos em busca das crianças, nos quartos, e brincamos bastante com elas, mas a hora da despedida foi um momento de tristeza, pois as crianças não queriam sair da T.E.C.A.

Após as férias, tive que trocar o horário, o qual foi alterado para sexta-feira, no turno da manhã. Nesse período, estávamos eu e mais dois extensionistas, porém o número de crianças havia diminuído, visto que algumas haviam tido alta.

Uma dificuldade que tive foi ouvir de H., após ter tido alta, que não queria sair da T.E.C.A., nem para almoçar. Expliquei a ela que, às 13h, abriria novamente, e ela poderia brincar até a hora de ir embora. Mas ela insistia e dizia que não queria outra tia, queria brincar comigo. Confesso que fiquei com o coração na mão. Chamei a mãe para conversarmos com ela e, mesmo assim, ela saiu chorando. É notório o vínculo que criamos com essas crianças.

Em outro dia, aconteceu algo que nunca imaginei: B. perdeu a visão. Fui ao quarto dela chamá-la para brincar e, lá, estava uma profissional cantando para ela. Emocionei-me e, ao término, levei B. para brincar. No entanto, ela queria ouvir história. Fiquei receosa, pois nunca tinha contado história. De início, A. L. começou a contar a história da Mônica e, logo depois, eu continuei. Contei e contei, até formar uma pilha de gibis ao nosso lado, enquanto B. repousava sua cabecinha em meu colo, adormecendo. Senti-me tão útil, tão completa, pois minha tarefa tinha sido cumprida com muito amor.

Por outro lado, houve um dia em que precisei ir em outro horário, porque tinha um compromisso. Nesse dia, cheguei cedo e abri a T.E.C.A. As crianças começaram a chegar. Os extensionistas daquele período já haviam chegado e ficaram dentro da T.E.C.A., e uma criança olhou para mim e para outra extensionista e disse: “Só vocês que nos dão atenção!”. Fiquei parada e reflexiva, pois, mesmo brincando, as crianças prestam atenção em tudo ao seu redor.

Para mim, a vivência nesse espaço do HU está me gerando muito aprendizado, pois tenho a oportunidade de vivenciar, na prática, o que vejo na teoria. Observar o movimento do hospital, as punções, as trocas de curativo realizadas nas crianças, havendo, ainda, um momento de conversa, em que eu e alunos de Psicología tentamos convencer essas crianças, quando se negam a deixar puncioná-las. Tudo isso tem contribuído para desenvolver, em mim, uma profissional com visão multidisciplinar, que valoriza outros profissionais, vislumbrando um cuidado de essência para com o outro.

Resgatando a criança interior

Era uma vez uma terra encantada, em algum lugar da imaginação, onde cada um poderia ser o que quisesse ser. Onde o sorriso era lei e não existia lugar para a tristeza. E, se alguém chegasse triste, os extensionistas vinham para brincar e alegrar a todos. Era um lugar incrível, cheio de diversidades, cores e alegria. A fantasia era a chave que abria as portas para as brincadeiras. Esse lugar é conhecido por Território Encantado de Crianças e Adolescentes (T.E.C.A.).

Essa terra é sempre visitada por anjinhos chamados crianças e adolescentes, vindos de diversas enfermarias da pediatria do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes, em busca de explorar a T.E.C.A. Dizem que, lá, há um tesouro escondido para cada um. Quem estiver disposto a procurar, logo o encontrará. Esse tesouro é um coração contente e cheio de esperança de que dias melhores possam vir. Quem entra lá nunca sai da mesma forma que entrou: sai contagiado de felicidade. Todos são solidários uns com os outros, todos dispostos a ajudar.

Na T.E.C.A., todo adulto pode voltar a ser criança e resgatar a criatividade e tudo o que foi construído na infância. Lá, há super-heróis e super-heroínas que combatem todo o mal. Nesse lugar, me descubro criança outra vez e deixo a imaginação me levar junto à dos anjinhos. São tantas aventuras que nem dá para falar sobre todas, mas a de que eles gostam mais é a de jogar UNO. Confesso que eu nem sabia por onde começar esse jogo, imagina continuar, mas uma criança me ensinou a brincar. Lá, na T.E.C.A., é assim: nem sempre a gente sabe de tudo, mas aquele que sabe mais procura ensinar.

Uma das vezes em que viajei até a T.E.C.A., encontrei um anjinho que gostava muito de cantar. Esse anjo espalhava amor e sorrisos por onde passava. Eu até achava que era eu quem iria levar um pouco de alegria, mas era eu quem voltava com meu caminhãozinho cheio dela. Dizem que a brincadeira é uma terapia, um momento de libertação e de diversão. De fato, é. O brincar é um grande fator que ameniza o sofrimento e é facilitador para o enfrentamento da hospitalização. Enquanto a criança brinca, ela se desenvolve e é estimulada.

Sempre me sinto recarregada com as brincadeiras da T.E.C.A. E não para por aí: até as mamães e os papais dos anjinhos entram na diversão.

O tempo que tenho passado na T.E.C.A. tem me dado aprendizados, tem me transformado. Não há como não ser tocada. São momentos como esses que nos fazem olhar para a vida de modo diferente. De diversos tons em que a vida pode ser formada, ela tem a cor que nós damos, mas pode ficar bem melhor quando viramos crianças ou brincamos com uma: aí, podemos voltar à infância.

Experiência de extensão numa brinquedoteca de um hospital de ensino e assistência

Fazendo uma retrospectiva com o objetivo de analisar como foi minha experiência inicial com a T.E.C.A. e como, atualmente, tem sido, recordo-me do meu primeiro dia no projeto. Era uma sexta-feira à tarde, e eu estava com um combo de alegria, por estar no setor da pediatria, pela primeira vez, e de ansiedade, por não saber, exatamente, o que poderia acontecer na brinquedoteca: qual seria a dinâmica naquele dia, se a equipe nos traria confiança e uma recepção afável, se as crianças gostariam da estada conosco e se fariam, daquele dia, mais um dia de escape para todo o processo complicado por que cada criança e cada família ali presentes estariam passando, durante o período de internação.

Sim, toda minha expectativa e as mil formas pelas quais eu passei a enxergar a T.E.C.A., desde o dia da capacitação, foram não só concretizadas, como, também, já trouxeram uma visão acerca da minha futura profissão (enfermagem). Naquele dia, apesar de eu ter me esquecido, por um instante, de que todas aquelas crianças que entravam e saíam da brinquedoteca estavam com problemas de saúde, alguns bem sérios, eu consegui perceber como é bonito e desafiador trabalhar, diretamente, na assistência à saúde de crianças e adolescentes, e o quanto toda prática deve envolver muito “jogo de cintura”, cuidado e amor pelo que se está fazendo, pois não é fácil.

Naquele dia, também, diante de uma criança que, infelizmente, tempos depois, antes da primeira reunião com os extensionistas, veio a óbito (P.), por ela ter sido a que apresentou maior interesse em brincar, mesmo com todas as suas limitações, senti-me afetada emocionalmente, pois, até então, nunca havia tido o contato, o ato de brincar com uma criança tão debilitada, tendo que fazer o uso de vários artifícios para chegar a ela, sem que a privilégiasse mais do que as outras crianças presentes. Como citado acima, o falecimento dessa criança mexeu muito comigo, e ter tido o melhor de todos os acolhimentos, o que ocorreu na reunião, possibilitou encarar essa realidade que poderia vir a ser frequente, visto que faz parte de um

ambiente hospitalar, bem como possibilhou estar mais preparada, sem medo de me apegar a cada diferente criança com a qual eu brincasse semanalmente.

No decorrer dos dias, dos meses, percebi como meu vínculo com a T.E.C.A. e com meus colegas extensionistas havia crescido. Aos poucos, já havia um grupo de sexta à tarde, e tudo que envolvesse a T.E.C.A. era, com muita dedicação, colocado nele. Depois, veio também a ideia de fazer trabalho para apresentar em um evento. Lembro-me de como aquele trabalho foi elogiado. Isso só foi possível porque consegui expor a importância da T.E.C.A. para nós, extensionistas, para as crianças e seus familiares, bem como todas as atividades que aconteciam na brinquedoteca.

Entendo que, onde houver crianças, sempre haverá uma maior resposta ao ato de brincar, e que umas marcarão mais do que outras, seja pelo momento compartilhado, seja pelo período mais longo de internação. E, nesse sentido, recordo-me do quanto me apeguei a uma criança diagnosticada com lúpus, a L., e, antes mesmo de saber seu diagnóstico (algo que não é comum eu saber, pois prefiro estar, na T.E.C.A., enxergando cada criança despida de suas patologias), eu já estava muito próxima dela. Lembro-me de que havia poucas crianças no dia e, como minhas outras colegas extensionistas estavam com elas, eu resolvi me aproximar da L. Foi o primeiro dia em que eu me dediquei, exclusivamente, a brincar com uma única criança, e foi uma das minhas melhores experiências na T.E.C.A.

Naquele dia, nós pintamos juntas, e a ajudei durante a alimentação (lembro-me de que ela não estava com apetite e insistia em não comer, mas, aos poucos, consegui convencê-la). No final do dia, ela, muito princesa (roupas), toda arrumada, com aquele laço lindo na cabeça, falou, com muita empolgação, que estava indo para casa. E, quando questionei se ela sentiria falta da T.E.C.A., ela confirmou e, com um sorriso e com um abraço apertado em todas nós, foi embora com sua mãe.

Desde aquele dia, até então, eu passei a visualizar todo o processo saúde-doença tão falado na graduação, de milhares de formas difíceis de entender,

através do acompanhamento dessa criança, possibilitado pelo projeto de extensão maravilhoso, visto que tive o contato desde o momento mais frágil dela até o de sua alta, no qual ela parecia ser outra criança. Totalmente bem.

Dentre tantas e tantas recordações maravilhosas que eu tenho da minha graduação, a maioria delas foi proporcionada por esse projeto tão essencial na vida dessas crianças e nas nossas vidas, assim como por outro projeto lindo de que faço parte, que é o Anjos do Hupaa. Às coordenadoras, Sarah, Vanessa e Isabel, bem como ao Luciano, eu agradeço muito toda a recepção e genialidade no desenvolvimento da T.E.C.A. Hoje, eu enxergo que é mais do que um projeto de extensão, mais do que o ato de dar oportunidades para conhecer o externo: a T.E.C.A. é uma das grandes responsáveis por formar profissionais muito mais competentes, humanizados e compromissados com o ato de cuidar do próximo. Obrigada, muito obrigada por isso!

**T.E.C.A. – Território Encantado de Crianças e Adolescentes: ludoterapia como intervenção
multidisciplinar na abordagem a crianças, adolescentes e famílias no Hupaa**

Tomei conhecimento do projeto de extensão T.E.C.A. por meio do grupo de WhatsApp de estudantes da Ufal, no qual foi divulgada a abertura do processo seletivo. Dessa forma, contatei um dos bolsistas, a fim de saber mais a fundo sobre o projeto. Ele me explicou que se tratava de um trabalho voluntário, o qual focava em brincar com as crianças e adolescentes da pediatria do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (Hupaa), visando a amenizar a dor e a tensão de crianças hospitalizadas, através das práticas realizadas na brinquedoteca.

Fiquei encantada e, de imediato, me identifiquei com o projeto. Foi surpreendente ver o número de inscritos, ao chegar ao local da inscrição, e não acreditei que conseguiria ficar. Alguns dias depois, recebi uma mensagem informando minha aprovação. Fiquei muito feliz por fazer parte da equipe da T.E.C.A. e muito ansiosa para vivenciar o contato com a equipe e com as crianças. O próximo passo foi o treinamento ocorrido no dia 30/01, no miniauditório I do Hupaa, quando nós, novos extensionistas, recebemos acolhimento das preceptoras, que nos recepcionaram de forma maravilhosa, explicando tudo a respeito da brinquedoteca: histórias, lutas, normas, trabalhos já realizados, instruções etc.

No dia 05/02, conheci a T.E.C.A. e os colegas extensionistas, bem como as próprias crianças. Esse foi meu primeiro dia e, de imediato, foi maravilhoso. Lembro-me de que brinquei de jogo da vida pela primeira vez: as crianças me ensinaram a jogar, e foi como voltar à infância. Enquanto jogava com eles, lembranças de minhas brincadeiras da infância e outras cenas passavam pela minha mente: conseguia visualizar como eram meus amigos e irmãos que brincavam comigo naquela época. Isso me emocionou: senti saudades e gratidão por estar ali, contribuindo, fazendo parte das lembranças de outras crianças e, principalmente, por a T.E.C.A. me lembrar a criança que fui e a que quero permanecer sendo.

Já frequento o Hupaa por conta do estágio curricular obrigatório, mas, às terças-feiras pela manhã (dia de meu horário na escala semanal da T.E.C.A.), há um sabor diferente. Sinto uma alegria especial, pois o projeto me proporciona diversos aprendizados. Como graduanda de Serviço Social, essa experiência me capacita, tanto no âmbito acadêmico como na minha vida pessoal, pois melhora minha relação com o público infantil e com os pais. É um lugar onde muitos podem se encontrar em condições de vulnerabilidade social, situação que instiga/aguça uma melhor percepção/identificação de possíveis demandas sociais. Ao brincar, colocamos de lado as tensões cotidianas e entramos no território encantado da brinquedoteca com o intuito de trazer apenas a felicidade. Somos felizes! As crianças nos ensinam muito sobre força, ensinam que doenças/momentos difíceis não são maiores do que um sorriso e do que a alegria de brincar. Ensinam que, independentemente de tudo, o que importa é, realmente, ser feliz! Essas são lições que não se encontram em qualquer lugar.

Estou participando do projeto há menos de três meses, mas as relações são tão verdadeiras que nos apegamos muito rápido às crianças, de uma forma indescritível. Nessa quatro horas de convívio, já brota um sentimento especial de carinho. No momento das altas, é gerado um sentimento misto de felicidade, pela melhora, e de saudade, pelas ausências nas brincadeiras. Isso porque quem já passou pela T.E.C.A. é sempre lembrado. Às vezes, nos pegamos falando sobre algumas crianças, sobre o quanto eram divertidas, e torcemos para que estejam bem. Nesse curto tempo, além de jogar o jogo da vida pela primeira vez, também participei do meu primeiro Carnaval com a equipe da pediatria: uma experiência maravilhosa, muito divertida. Interagimos com o público do Hupaa e entramos em grande parte dos setores. Crianças, pais, extensionistas, preceptores, médicos, enfermeiros, todos participaram.

Não se passa pela T.E.C.A. para sair a mesma pessoa, pois ela é um ambiente modificador. É, realmente, um território encantado, onde a felicidade reina, onde voltamos a ser crianças, onde não há espaço para o pessimismo, onde, ao ajudar o outro, você mesmo se ajuda, e onde o amor prevalece!

Aprendizado pessoal e profissional

Sou extensionista, na T.E.C.A., desde 2017, quando ingressei na Ufal para cursar Odontologia. Desde então, tive muitos momentos bons, momentos de reflexão e de gratidão (pela vida, por minha saúde, pelas oportunidades, por minha família e amigos). Vivi, também, momentos tristes, perdas que me fizeram chorar, mas que me ensinaram a lidar com o luto. O que vivo com as crianças hospitalizadas e com a equipe faz de mim uma pessoa melhor e acrescenta muito à minha vida pessoal e profissional, além do fato de mostrar a importância de um atendimento mais humanizado.

Um dos pontos que considero positivos, nessa ação de extensão, é o fato de ela envolver uma equipe multidisciplinar (coordenadores e extensionistas), o que nos possibilita diferentes conhecimentos e diferentes formas de enxergar uma mesma situação. Equipe esta que, além de conhecimento, me deu novos amigos e me apresentou a profissionais incríveis, que se tornaram exemplos para mim.

Por passar as tardes com a cirurgiã-dentista preceptora do projeto, aprendi sobre a odontologia, de forma geral, e sobre a odontologia hospitalar (o que me fez ter certeza em relação a um pensamento antigo: o de seguir carreira nessa área). Realizamos atividades de educação em saúde e ações de saúde bucal com os usuários da pediatria e com seus acompanhantes, além de práticas odontológicas específicas, tais como escovação dental supervisionada, orientações individuais sobre higienização e sobre a importância da saúde bucal da criança e do bebê. Através das atividades lúdicas, notamos que o brincar facilitou a aprendizagem e foi um importante recurso mediador para o fortalecimento do vínculo entre crianças/ adolescentes e equipe de saúde.

Ademais, foi uma excelente porta de entrada para a produção de trabalhos acadêmicos, pois, com base na vivência nesse projeto, participei da elaboração de trabalhos que foram apresentados em diferentes congressos.

T.E.C.A.: um lugar acolhedor

Os criadores e organizadores do projeto de extensão Território Encantado de Crianças e Adolescentes foram, desde a entrevista até o acolhimento dos novos participantes de 2017, totalmente receptivos, proporcionando nossa inserção em um local desconhecido até então. Tais atitudes de empatia e apoio me fizeram continuar no projeto durante um ano. É com profissionais assim que me espero ver trabalhando um dia: profissionais que me inspiram e me fazem repensar minhas atitudes, para que seja alcançado um maior cuidado para com o outro.

No dia do acolhimento, pude ir apenas no horário da tarde, quando foi realizada uma apresentação geral. Além disso, foram realizadas algumas dinâmicas para a interação do grupo. Em meu primeiro dia como extensionista, estava muito tímida, ansiosa e receosa com o novo ambiente. Lembro-me de que, nesse dia, apresentei dificuldade para brincar e interagir com o P. L., que inseria alguns brinquedos na boca e possuía algum problema de comunicação. A partir disso, percebi a necessidade de observar e de lidar com cada indivíduo de forma diferenciada, pois cada um possui características únicas.

Outras dificuldades apresentadas durante o projeto:

- quando havia muitas crianças na brinquedoteca e os pais não estavam, me envolvi, nas brincadeiras apenas de forma superficial, para não perder o foco no restante das crianças;*
- quando a criança queria brincar nos corredores da pediatria, era informada de que não poderia, mas, mesmo assim, continuava. Por isso, precisei pedir a intervenção da mãe;*
- em relação a xingamentos entre as crianças, não sabia como amenizar a situação. Porém, com mais experiência na T.E.C.A., fui resolvendo melhor essas questões, com a ajuda dos profissionais e dos acompanhantes.*

O projeto me possibilitou conhecer profissionais admiráveis e estudantes de cursos e faculdades diferentes, todos, em conjunto, buscando o mesmo objetivo:

proporcionar um lugar acolhedor através do lúdico, reduzindo, assim, os impactos causados pela internação. Além disso, foi no projeto que vivenciei um conceito muito falado em sala de aula, o de clínica ampliada, que vê o indivíduo em suas singularidades, enxergando-o de forma holística.

A brinquedoteca hospitalar é embasada pela Lei nº 11.104/2005, que “dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação”. É um local pensado para que crianças e adolescentes possam ter a liberdade de escolher o brinquedo, os jogos ou as atividades que desejam realizar, visto que sua autonomia e, principalmente, sua rotina são modificadas: passam, agora, a ter roupa específica, alimentação determinada e horários diferentes. Além de estarem distantes de seus familiares e de seus amigos da escola, há os procedimentos e exames realizados, que podem causar dor e sofrimento para o paciente e seu acompanhante. Outro fator importante a ser abordado, e que me fez refletir bastante, é a morte, que incomoda e que, culturalmente, é vista como um episódio triste e doloroso. O projeto realizou uma palestra sobre tanatologia, porém não pude ir. Acredito ser um assunto muito necessário para que possamos aprender a lidar melhor com esse processo natural da vida. Durante o tempo em que estive no projeto, três crianças faleceram. Foi muito importante, para mim, poder conversar com a D. (também extensionista do projeto) sobre como estava me sentindo em relação a cada uma dessas crianças. No início, pensei que não havia contribuído para nada e que minha presença, naquele ambiente, não fizera diferença, mas ouvir minha amiga afirmar que proporcionamos momentos de alegria confortou meu coração.

Portanto, só tenho a agradecer a todos que contribuem para o crescimento e a continuação do projeto a oportunidade de fazer parte dessa família, pois aprendi bastante, não somente como uma futura profissional da área da saúde, mas, principalmente, como ser humano.

Recordando a infância: pura e simples

Em maio de 2018, fui selecionada para ser extensionista do projeto de extensão da T.E.C.A. Eu havia acabado de começar o ensino superior e estava no primeiro período de Terapia Ocupacional, na Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal). Eu me lembro de ter me apaixonado, de cara, pelo objetivo do projeto e pelo trabalho que ele realiza no ambiente da clínica pediátrica do Hospital Universitário.

No meu primeiro dia, eu estava muito ansiosa e nervosa. Meu maior medo era de não conseguir brincar com as crianças, medo de

não saber mais como se brinca. A gente vai crescendo e vai deixando que as melhores sensações da vida sejam deixadas de lado (pelo menos, era dessa maneira que eu pensava até começar a participar desse projeto), mas percebi que não é assim. De certas coisas a gente nunca se esquece, principalmente quando essas coisas são boas, como é o brincar.

Assim que entrei na brinquedoteca, uma criança que estava brincando com outras extensionistas, ao me ver, veio correndo e me abraçou, pedindo para eu brincar com ela, sem nunca ter me visto antes. Aquilo foi muito emocionante, para mim, pois eu nunca tinha me sentido tão feliz até aquele dia. E, aí, eu relembréi o quanto a pureza de uma criança pode mudar as pessoas para melhor. Naquele dia, eu brinquei com ela e com outras crianças também, e consegui sentir, na pele, a essência e a importância que a T.E.C.A. tem, não só para as crianças e para os adolescentes que estão internados no HU, mas, também, para as mães e os pais deles, além dos próprios funcionários do hospital.

Todos se envolvem na causa, com o intuito de oferecer uma humanização e uma estada menos cansativa para os pacientes e seus acompanhantes, através de várias atividades, como o brincar livre, a reprodução de filmes, a elaboração de festas para as crianças e adolescentes que passam o aniversário internados, a visita de irmãos e irmãs destes, as oficinas voltadas para o estímulo da criatividade dos enfermos e dos parentes que os acompanham, entre outras.

Além disso, o projeto acabou conquistando algumas bolsas, estimulando, assim, a permanência acadêmica. No entanto, só pelo fato de estarem podendo contribuir para o processo de humanização e para a utilização de tecnologias leves, os acadêmicos se sentem estimulados a permanecer no projeto. Poder brincar com aquelas crianças e perceber o quanto esse ato traz alegria para elas é muito gratificante, pois não é uma simples brincadeira: a gente se auto- humaniza, se esquece de todos os problemas que possui fora daquele ambiente e se dedica, inteiramente, àqueles que estão internados.

Muitas daquelas crianças e adolescentes passaram pelo projeto: umas passam, recebem alta, mas algumas sempre voltam a ser internadas, devido ao próprio diagnóstico, que é complicado; outras passaram e, hoje, estão bem; outras passaram por nós e se tornaram saudade. Infelizmente, quando se está envolvido na área da saúde, a questão da morte se torna uma realidade. Nós passamos a graduação inteira tendo consciência dessa possibilidade. Eu, infelizmente, sofri futos desde que entrei no projeto.

Mas o luto que mais me marcou foi o de uma menina, uma menina que possuía uma alma linda. Essa menina passou sua vida inteira sendo internada no HU, por conta de seu diagnóstico: ela possuía fibrose cística. Eu cheguei a conhecê-la junto com sua irmã, que era diagnosticada com a mesma doença, porém sua irmã não estava em um estágio tão grave quanto comparado ao dela. Essa menina era linda demais, não só por fora, mas por dentro também. Eu chegava à brinquedoteca e a via sorrindo, agradecida por mais um dia, alegre por ter pessoas ao redor que brincavam com ela, que jogavam UNO, desenhavam e pintavam, enfim. Havia dias em que ela estava mais debilitada, mas nunca se fazia ausente: quando ela não ia à brinquedoteca, nós (extensionistas) íamos até ela, em seu leito.

No tempo em que ela viveu - pouco mais de uma década -, posso afirmar que viveu intensamente. Ela comemorou seu aniversário no hospital, com o tema de Frozen (aniversário que fez história). Ela cortou seu cabelo bem curtinho para fazer doação. Ela brincou, ela sorriu, ela jogou UNO, ela pôde ter alegrias e nos proporcionou alegrias também e, enquanto eu digo isso, lágrimas descem, porque

não só eu, mas todos que fazem parte desse projeto e que a conheceram foram impactados com a energia dela. Mesmo quando ela estava mais debilitada, fazia questão de participar das atividades elaboradas pela T.E.C.A. E, hoje, temos a consciência e a alegria de saber que ela se foi, mas estava agradecida por ter tido pessoas que a ajudaram a passar pela enfermidade de maneira mais leve.

Com esse exemplo, eu concluo dizendo que, apesar de estarmos integrados em um ambiente no qual nem sempre vamos poder salvar todas as vidas, fazer parte de um projeto como a T.E.C.A., no qual proporcionamos humanização, acolhimento e tecnologia leve, faz valer a pena a profissão que escolhemos ter. E o que eu mais desejo é que esse projeto possa continuar tocando os corações da comunidade por muito e muito tempo, e que todos possam sentir, algum dia, a gratidão que eu sinto por fazer parte dessa família tão linda, que se formou e que se renova, a cada ano, com a entrada de novos acadêmicos. Também não posso terminar este relato sem agradecer às preceptoras desse projeto, que dão forças e que estimulam os extensionistas em todas as dificuldades. Se não fosse por elas, a T.E.C.A. nem existiria. Eu só tenho a agradecer todo o apoio que vocês proporcionam, não só a mim, mas a todos que se voluntariam. MUITO OBRIGADA!

Diário de bordo – T.E.C.A.

Primeiramente, não sei o que falar, o que resumir... Parece até impossível. Foram tantos aprendizados nos últimos meses!

Posso dizer que sou novata na T.E.C.A. De fato, sou um neném praticando o fazer “Psi” em uma pediatria. Muito além de uma brinquedoteca, a experiência que tive/tenho é a de um material rico, puro, algo que o/a graduando/a não consegue obter nas quatro paredes de uma sala de aula. É algo maior que palavras. Está na Política Nacional de Humanização, está no papel, mas não adianta ficar amparado/a em papéis quando lidamos com o humano. Sou extremamente grata por tudo que venho conquistando na extensão, desde as amizades até a multidisciplinaridade, com todas as suas particularidades e potencialidades. E as crianças? Não sei expressar como é incrível o poder de encanto e de admiração que elas conseguem despertar nos/nas extensionistas. Pelo menos em mim isso é muito real, é vivo, é humano.

E o que falar daquelas pessoinhas? Cada criança com sua história. Apaixonei-me por várias! O que falar da pequena C.? Que criança doce, tão pequena e tão guerreira. Ela tem sido o meu amorzinho na T.E.C.A. Sinto bastante confiança, da parte da mãe dela, ao deixá-la comigo, seja na T.E.C.A., seja no leito, porque, como diz minha mãe, “se a montanha não vai a Maomé, vai Maomé à montanha”. Dessa forma, as crianças que estão temporariamente impossibilitadas de ir à brinquedoteca não ficam ociosas em seus leitos. A magia da T.E.C.A. se espalha.

Seria um erro, da minha parte, não citar a importância das disciplinas de Práticas Integrativas 1 e 2 na minha escolha de conhecer e de vencer meus medos do ambiente hospitalar. Sou grata à professora Telma Low, pois as portas que se abriram para mim só estão agregando coisas boas à minha vida. Também devo muito ao meu outro projeto de extensão no Hospital Universitário, o Anjos do Hupaa, no qual as ações de contação de histórias, na pediatria, fizeram-me ainda mais próxima da T.E.C.A. e de todas as pessoas e pessoinhas de lá.

Fazer parte de dois projetos de extensão no hospital é, no mínimo, interessante. Tenho uma rotina mais próxima dos/as usuários/as, e isso é muito bom. Desenvolvi um forte interesse de fazer residência e de me aprofundar, cada vez mais, no compromisso com o SUS.

A T.E.C.A. permite uma série de atividades que são terapêuticas para todas as pessoas envolvidas. Eu amo as oficinas, pois sempre mergulho em um universo de cores, brilhos, sorrisos, esperanças, aprendizados. Na T.E.C.A., todo mundo coloca a mão na massa: extensionistas, preceptoras, estagiários/as, acompanhantes, crianças, todo mundo. É possível ver um pedacinho de cada pessoa em cada pedacinho desse mundo encantado, que existe no terceiro andar do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes. Também para além disso, para além das paredes da clínica pediátrica, para além das paredes do hospital, pois tudo que aprendemos, na prática, são sementes fecundadas que nascem em outros solos.

Não tenho nenhuma dúvida de que a T.E.C.A. é um belíssimo fruto da Política Nacional de Humanização. Só tenho gratidão pelo enriquecimento de minha formação. Sempre me senti acolhida por todas as pessoas da extensão, mas meus agradecimentos especiais vão para Sarah (fada da Terapia Ocupacional) e Vanessa (fada da Psicología). Meu muito obrigada a vocês. Não dá para fazer um resumo de tudo em apenas duas páginas. Há coisas que não cabem em um texto.

Momentos marcantes na T.E.C.A.

Desde o dia em que tive a oportunidade de ingressar no projeto de extensão Território Encantado de Crianças e Adolescentes (T.E.C.A.), na brinquedoteca do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (Hupaa), pude notar o quanto é importante haver uma brinquedoteca localizada dentro de um hospital, porque possibilita que as crianças em tratamento “fujam” da realidade de uma vivência sofrida no ambiente hospitalar.

No geral, a rotina de um hospital é dolorosa para os pacientes, já que o processo de tratamento exige medicamentos, injeções e uma alimentação diferente da de casa. Mas, por conta de algumas atividades e brincadeiras, sinto que eu, juntamente aos outros extensionistas, tornamos essa rotina mais prazerosa. Na brinquedoteca, as crianças podem brincar, sorrir e ter contato com as outras crianças, o que faz com que se tornem mais dispostas para o tratamento, e que os dias no hospital não sejam algo tão triste.

Comecei o meu primeiro dia na T.E.C.A. às 8h da manhã, em uma quinta-feira (14/02/2019). Logo de início, fui muito bem recebida pelos extensionistas. As crianças começaram a chegar por volta das 9h da manhã. Primeiro, entrou um bebezinho lindo, acompanhado de sua mãe. Os seus olhinhos brilharam ao ver um brinquedo enorme, um carro de plástico. Pedí à mãe para colocá-lo no carrinho e o levei para dar uma volta no refeitório. A mãe sentou-se e ficou vendo como eu brincava com o filhinho dela. Notei que seu semblante era de felicidade e de “alívio”, como se ela estivesse achando um jeito de alegrar o seu filho.

Logo, o bebezinho cansou do carro, pegou um balde de blocos de montar e sentou-se no tapetinho de borracha. Esse momento, eu achei mágico, pois sentamos, eu, ele e sua mãe, e, com isso, tive a oportunidade de me aproximar mais. Pude conversar muito com ela: escutei suas aflições e as histórias de seu filho, e também pude interagir mais e criar uma relação boa com o bebê. Depois de mais ou menos uma hora brincando, eles tiveram que voltar à enfermaria.

A brinquedoteca estava muito movimentada, e tivemos a ideia de juntar todos na mesa para jogar UNO. Achei esse momento muito divertido, porque todos deram muitas risadas, e pude perceber como eu me senti bem. Pela correria do dia a dia, da faculdade e dos afazeres que nós, adultos, temos, muitas vezes, não temos um tempo assim para descontrair. Isso me levou a refletir e a ver o quanto são importantes, para mim, momentos como esses, em que eu posso me divertir. Além disso, penso que não somos apenas nós que levamos alegria às crianças, mas elas também nos trazem alegrias. É um conjunto, uma troca de afeto, de interação e de carinho.

Ao término dessa manhã, que se encerrou ao meio-dia, percebi que, ao ter que fechar a T.E.C.A. para o almoço, as crianças insistiam em ficar e perguntavam: "Por que vai fechar?", "Que horas abre? Ah, não, queria ficar mais!". E eu respondi: "Às 14h, vai ser aberta novamente". Ao ir embora do hospital, no caminho para a faculdade, eu não conseguia parar de pensar sobre o quanto estava encantada com o ambiente e contente com o projeto. Pude notar o quanto me fizeram bem o contato com as crianças e a oportunidade de fazê-las sorrir.

*No meu segundo dia na T.E.C.A., nós, extensionistas, juntamente à coordenadora Sarah, tivemos a ideia de projetar um filme para as crianças que estavam presentes. Elas adoraram esse momento e deram muitas risadas com o filme *Viva, a vida é uma festa*. Notei, também, que as mães se juntaram a elas para assistír.*

Diante das minhas experiências na T.E.C.A., pude notar o quanto o tratamento multidisciplinar é fundamental para essas crianças. Eu, como estudante de Medicina, vejo como esse projeto vai trazer experiências positivas para a minha formação como médica, visto que a humanização é essencial na medicina, com o intuito de enxergar além da doença e de levar em consideração o paciente como um todo, melhorando, assim, o atendimento em geral.

Diário de campo

Fiquei sabendo do projeto de extensão T.E.C.A. através de uma publicação nas redes sociais, que compartilhei com minhas amigas da universidade e, então, decidimos participar. Logo, busquei saber como funcionava e qual era o principal objetivo. Meu primeiro dia como extensionista resumiu-se a um misto de emoções: a insegurança de não saber se faria o correto, se as crianças iriam se adaptar à minha presença e se eu os faria se sentir melhor, como também a vontade de abraçar todas as crianças e vê-las sorrindo. No final do dia, eu pude ver o quanto encantador foi aquela experiência de ser bem acolhida, tanto pelos profissionais como pelas crianças.

Se eu pudesse resumir minha participação na T.E.C.A. em três palavras, seriam amor, acolhimento e empatia. Esta última foi uma das inúmeras coisas que aprendi logo quando cheguei. Tenho que confessar que é difícil descrever todos os momentos, todas as lembranças, porque é vivendo que se sente. Sem dúvidas, hoje posso olhar para trás e perceber o quanto minha visão mudou a respeito de um contexto hospitalar e o quanto tenho aprendido e crescido com as experiências vivenciadas ali.

Por falar em experiências, é impossível não me lembrar das que me marcaram. Logo no primeiro dia, tive contato com uma criança que me ensinou inúmeras coisas, como, por exemplo, que as dificuldades da vida nos mudam e que a carência, em algumas vezes, é substituída por grosserias. Mas tudo aquilo era decorrente da necessidade do cuidado. Aprendi, também, que o amor cura e ajuda a sermos melhores, em nossas ações e pensamentos. A partir daí, comecei a voltar à brinquedoteca com um novo pensamento, buscando aprender ao invés de ensinar. E, no final do dia, não havia coisa melhor do que ouvir “Tia, a senhora vem amanhã?”. Através dessas pequenas palavras, eu tinha a certeza de que havia feito a diferença na manhã daquela criança.

Cada criança que passa pela brinquedoteca me deixa uma lição, me marca de uma forma diferente e me ensina a partir de suas histórias de vida, bem como

os pais ou acompanhantes. Aprendi que existe uma importância em criar laços, em sorrir para uma pessoa, em abraçar e se preocupar com saber como foi o dia. Sendo assim, com o tempo, acabei criando amizades com os pais, até perceber, um dia, que, quando permitimos que a outra pessoa faça parte de nossa vida, ela irá nos conhecer até por um “bom-dia”, e saberá se estamos bem ou não. Como não sorrir ao me lembrar de todas as histórias contadas pela N.? Como não ser grata por todas as vezes em que eu chegava ao quarto, para ver seu filho, e ela, ao olhar, logo disparava:

“Hoje, você está bem cansadinho, mas continue estudando que você vai longe”. Aquilo me servia de combustível para a alma, me motivava a continuar fazendo tudo aquilo que tinha feito, embora estivesse exausta da correria do dia a dia. Ela me mostrou a importância da família e o quanto a nossa fé pode fazer a diferença e nos ajudar a ser resilientes.

Numa sexta-feira à tarde, por volta das 13h30min, fui pega de surpresa por uma mensagem que me deixou totalmente sem chão. Ao saber da partida de uma das crianças mais alegres, dedicadas e amorosas, comecei a refletir sobre o tamanho da luz que ela tinha. Mesmo com tudo que enfrentava, nunca chegou à brinquedoteca triste ou calada. Nossa última brincadeira foi produzir borboletas. Para isso, desenhamos, cortamos, pintamos e, no fim, colocamos bastante glitter. Aquela tarde jamais sairá da minha memória. Hoje, sigo com a certeza de que ela me regou antes de partir, me deixou marcas de esperança, de superação, de confiança, de felicidade. Deixou a ideia de que a vida é colorida, sim, e que vale a pena ser vívida.

Apesar de tudo isso, temos, sim, motivos para comemorar, para celebrar a vida. Ao vivenciar um aniversário em um hospital, tive a certeza de que aquela equipe da pediatria é diferenciada: sabe acolher, sabe promover saúde e sabe, também, demonstrar afeto. Foi uma manhã linda, na qual era notória a união entre os profissionais e os extensionistas em prol de um só objetivo: celebrar a vida e fazer o dia daquela mãe e daquela criança mais feliz. Eram todos juntos em uma só causa.

Por fim, posso concluir que esse projeto de extensão só tem acrescentado à minha vida, fazendo-me ser uma pessoa melhor, com uma visão mais ampliada sobre cuidado, sobre amor, e destacando a importância que o brincar tem. Sem dúvidas, é um projeto que sempre estará comigo. Através dele, tenho despertado interesse na área da pediatria, buscando alternativas que possam gerar conhecimentos, enquanto acadêmica, e buscando, também, agradecer mais a vida, os amigos, o cuidado, os abraços e a importância de saber reconhecer toda a história e ser grata por isso.

“Não é sobre chegar no topo do mundo e saber que venceu. É sobre escalar e saber que o caminho te fortaleceu. É sobre ser abrigo e também ter morada em outros corações e, assim, ter amigos contigo em todas as situações. A gente não pode ter tudo: qual seria a graça do mundo se fosse assim? Por isso eu prefiro sorrisos e os presentes que a vida trouxe pra perto de mim” (Ana Vilela).

Diário de campo

Fazer parte do projeto de extensão Território Encantado de Crianças e Adolescentes (T.E.C.A.) deixou de ser um desafio e tornou-se algo além das minhas expectativas de uma atividade extracurricular. É notório o efeito benéfico que o projeto traz não apenas para as crianças internadas, mas também para os seus responsáveis, que fazem, do hospital, sua segunda casa. A brinquedoteca, local onde se realizam as atividades, catalisa o tempo que seria imposto a pensamentos tediosos e impõe, aos enfermos infantis, um momento de descontração, ao focar naquilo de que mais gostam: o brincar. Assim, a cada prática extensionista, posso perceber a veracidade da seguinte frase: “Está se concentrando no problema. Assim, não pode ver a solução.” (Hunter Doherty).

No meu primeiro dia no projeto (07/02/2019), quinta-feira no turno matutino, eu fazia parte de um pequeno grupo de quatro pessoas que seria responsável por conduzir as oficinas do dia. Formávamos uma equipe multidisciplinar de estudantes do ramo da saúde - psicologia, enfermagem e medicina - que, com suas particularidades, somou-se para um agir diferencial: com os cuidados da enfermagem e da medicina, com a atenção ímpar da psicologia.

Nesse dia, havia um total de sete crianças, com idades que variavam de alguns meses a 11 anos, sempre acompanhadas de seus responsáveis. Fiquei encantada ao ver o quanto as crianças esperavam o momento de dar início às atividades da brinquedoteca. O acolhimento das crianças foi, sem dúvida, o que me marcou. A. (11 anos) chegou a me dar as boas-vindas e a agradecer o fato de “fazer parte da brinquedoteca”. A interação também chamou bastante atenção. Elas se mostraram muito companheiras umas das outras, além de deixarem explícita a relação de amizade e de carinho que tinham.

Os responsáveis também se divertem, não apenas por ver seus filhos sorridentes e alegres com as brincadeiras e brinquedos do espaço, mas, também, por participar das oficinas que os extensionistas preparam para eles. Na mesma data, enquanto parte das crianças jogava Trunffo, outras, mais novas, pintavam

ou estavam com brinquedos. Os pais ou familiares criavam um descanso de panelas com pregadores de roupa, seguindo as dicas já passadas pelos alunos responsáveis. Duas mães ficavam, no local, com seus filhos no braço - eram os mais novos, com aproximadamente um mês de vida -, apenas para interagir. No final da atividade da manhã, às 12h, quando costuma chegar o almoço, as crianças tentam permanecer na brinquedoteca. De acordo com elas, o tempo passa muito rápido. A resistência só é vencida quando os responsáveis as conduzem para almoçar e usam, como desculpa, a frase "já, já a gente volta". Com o semblante triste, os meninos deixam o local. Uns acabam alugando, gratuitamente, alguns brinquedos para levar para os quartos; outros, que já dominam a leitura, pedem um livro da estante. Assim, todos esperam mais um turno da brinquedoteca.

Com um pouco mais de experiência, resolvi ir à T.E.C.A. num domingo, no turno matutino (17/02/2019). Dessa vez, contei com a ajuda de uma extensionista do curso de Psicologia, e nós duas conduzimos a atividade do dia. Quando cheguei, os garotos ainda estavam nos leitos. Fomos chamá-los e apresentar o espaço àqueles que haviam chegado há pouco tempo à sala de internação. Nesse dia, havia cinco crianças, com idades entre 5 e 10 anos. Entre elas, havia um novato que não demorou para fazer amigos e dar boas risadas, com o limite, apenas, da sua recente cirurgia inguinal. A atividade deu-se com a participação dos extensionistas em um dos jogos favoritos das crianças: UNO. À medida que elas iam perdendo e saíndo do jogo, acabavam montando duplas para ajudar aqueles que estavam em busca da vitória. Ao fim de cada partida, nunca havia apenas um ganhador, mas duplas vencedoras.

Enquanto os menores brincavam, os maiores conversavam. Os responsáveis trocavam experiências e falavam, de maneira aberta, sobre o que os conduziu ao hospital. Eles passavam apoio e força para a mãe recém-chegada, por exemplo. A confiança dos responsáveis na brinquedoteca é evidente, e tudo que eles vivenciam e compartilham com os filhos, no momento em que estão lá, aumenta ainda mais o vínculo nessa jornada de internação.

No fim de cada ação, percebo a importância da união multidisciplinar em projetos tão nobres como o da T.E.C.A. Isso favorece a humanização da área da saúde, o que, a meu ver, deve começar desde cedo. Atitudes que possibilitem a união profissional também se refletem nas condutas dos pacientes, nesse caso das crianças. Estas dependem do valor que observam, e o que serão futuramente constituirá um reflexo do tratamento que recebem no agora. Por isso, encurtar o sofrimento delas, com um bom atendimento profissional e com técnicas atuantes, pode torná-las bons adultos.

Entre super-heróis, fadas e princesas

Nos tempos de criança, os meus desenhos, filmes e brincadeiras favoritas envolviam super-heróis, fadas e princesas. Meus amigos e eu construímos um mundo imaginário, no qual podíamos fazer tudo o que quiséssemos. A cada brincadeira, construímos um mundo novo e, como diz a música interpretada por Kell Smith: “Dava pra ser herói no mesmo dia em que escolhia ser vilão”. Isso era possível, pois, todos os dias, inventávamos roteiros diferentes e personagens com superpoderes incríveis. O mundo estava em nossas mãos, ou melhor, em nossa imaginação: tínhamos o controle de tudo o que acontecia.

No entanto, como diz o ditado, “tudo o que é bom dura pouco”. O tempo da infância passou, e a chegada da adolescência trouxe consigo uma série de transformações, como, por exemplo, a descoberta da sexualidade, que nos leva de volta ao nosso mundo imaginário. Quando começamos a pensar no primeiro amor, é comum imaginarmos a vinda do nosso príncipe encantado, montado em seu cavalo branco. Como diz a música cantada por Giovanna Chaves: “Eu acredito em contos de fadas, estrelas cadentes, magia e cor. Numa princesa que beija um sapo, no príncipe e no amor”. Porém, essa fase também passa rápido e deixa saudades, abrindo, então, caminho para a vida adulta e suas responsabilidades. Com isso, recolhemos nossas melhores lembranças desse tempo mágico, colocamos no fundo de nossa memória, junto ao mundo imaginário que criamos, e seguimos.

Entretanto, ao fazer parte do projeto de extensão universitária desenvolvido na brinquedoteca Território Encantado de Crianças e Adolescentes (T.E.C.A.), percebi que super-heróis, fadas e princesas existiam não apenas no mundo imaginário, mas, também, na vida real. Eles respondem por diversos nomes, são provenientes de reinos encantados distantes, possuem histórias de vida diferentes, além de desenvolverem superpoderes, talentos e pozinhos mágicos que causam efeitos diversificados e são usados, diariamente, para combater os malvados vilões que insistem em atravessar seus caminhos.

Acredito que já adivinharam que estou falando das crianças e adolescentes da clínica pediátrica do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (Hupaa). No roteiro diário das histórias desses super-heróis, fadas e princesas, construído no interior da clínica pediátrica, as crianças e os adolescentes representam os atores principais, enquanto os acompanhantes, profissionais, residentes e extensionistas apresentam-se como coadjuvantes que auxiliam no enfrentamento dos vilões que os incapacitam para a vida diária.

A experiência na T.E.C.A., com esses super-heróis, fadas e princesas, proporcionou-me sair do mundo imaginário, que havia construído ao longo de minha vida, para conhecer novos territórios encantados, com novas histórias, novos personagens, novas lutas e conquistas. Porém, nem toda história tem um final feliz. Nesse território encantado, há algumas histórias com final triste também, pois o roteiro inicia-se de um jeito bom, mas vai tomando um rumo diferente do esperado, devido às artimanhas dos vilões que acabam vencendo os mocinhos da história. Isso me faz lembrar da música do filme da Barbie: “O que irá acontecer? Quero muito ver! O que irá acontecer? Mistério tem que ser! E tudo vai mudar, mas vou me preparar, se conseguir fazer, vou. Não foi o que eu pensei... E agora, o que vai ser?”. É importante destacar que, mesmo nessas histórias com finais tristes, encontramos lições de vida grandiosas, repletas de superações, aprendizados, novas experiências, fortalecimento de vínculos afetivos, realizações e muitos sorrisos, mesmo diante das dificuldades enfrentadas.

Contudo, posso afirmar que conviver com esses super-heróis, fadas e princesas da clínica pediátrica possibilitou, ainda, um novo olhar, não só em relação à saúde-doença, mas a respeito da vida, das oportunidades, dos posicionamentos, das possibilidades e dos limites, das relações pessoais, familiares, sociais e profissionais. Para além dos conhecimentos adquiridos, essa experiência promoveu bem-estar, melhor qualidade de vida, satisfação, realização e oportunidade de voltar a ser criança, novamente, e fazer parte de novos territórios encantados e de novas histórias. Como diz a canção da novela Chiquititas, a que adorava assistir na infância: “Era uma vez e assim começa a

história da pequenina que eu guardo na memória. Era uma vez, uma grande família com muitos beijos, com muita alegria!”. E a T.E.C.A. representa exatamente isso: um território encantado, com infinitas possibilidades, e uma grande família que acolhe todos de braços abertos.

Relato de experiência baseado em surpresas e ressignificações

Primeiramente, faz-se importante apontar que o presente relato corresponde à breve experiência de um extensionista recém-ingresso nas atividades da brinquedoteca do Hospital Universitário. Porém, ainda que eu tenha apenas pouco mais de um mês de experiência na T.E.C.A., pude vivenciar diversos momentos e atividades, em contato com diferentes públicos, assim como algumas quebras de expectativas previamente formadas.

Logo de início, houve a quebra das talis expectativas que formei baseado, apenas, em experiências prévias da minha infância, nos hospitais que frequentei com certa assiduidade. Passei por diversas internações e nunca estive presente, enquanto criança, em uma brinquedoteca. Ao longo da vida, formei uma imagem do hospital enquanto um ambiente hostil, extremamente regrado e associado apenas ao mal-estar. Mesmo na adolescência, ou já na idade, nunca me senti confortável em ambientes hospitalares.

E, agora, enquanto estudante de Psicología, busquei este projeto de extensão como uma forma de ter novas experiências fora da minha zona de conforto (psicología escolar e educacional). Porém, ainda assim, imaginava que o dia a dia da T.E.C.A. seria dedicado, quase exclusivamente, às crianças que a frequentam. Todavia, logo no meu primeiro dia de extensão, me deparei com um ambiente bastante acolhedor para todos aqueles que o frequentavam, fossem extensionistas, profissionais, crianças ou acompanhantes. E foi nesse ambiente acolhedor que tive minha primeira surpresa, com uma imagem que nunca pensei ser possível: crianças rindo e brincando dentro de um hospital.

Em todos os dias em que estive presente, pude presenciar que as crianças ansiavam pela abertura da brinquedoteca e lamentavam o horário de encerrar as atividades. Assim como, dentro da T.E.C.A., muitas dessas crianças conversam, abertamente, e com bastante autonomia, com a equipe profissional e com os/as extensionistas sobre suas próprias vidas e condições de saúde. Em pouco tempo, já passei a questionar como minhas experiências e significações acerca das minhas

próprias internações, na infância, poderiam ter sido diferentes, caso houvesse um espaço onde eu pudesse exercer minha autonomia através do brincar.

Outra expectativa confrontada foi a de que trabalharia apenas em contato com as crianças. Creio que, por conta do caráter multidisciplinar do projeto de extensão, diariamente, ocorre o diálogo e o contato com extensionistas de diferentes áreas de trabalho e de produção de saber, além do contato com a equipe profissional e com os familiares das crianças internas. Isso, inclusive, com a realização frequente de oficinas voltadas para as mães das crianças, que correspondem à maior parte dos indivíduos acompanhantes. Aqui, cabe o adendo de que, até o momento, não tive contato com pais ou com qualquer familiar do sexo masculino, o que me faz questionar a quem cabe, socialmente falando, a expectativa de cuidado para com os/as filhos/as.

Porém, independentemente da questão dos papéis de gênero, que já venho questionando ao longo dessa breve experiência, é possível observar que as atividades realizadas na brinquedoteca também possibilitam uma maior aproximação entre mãe e filho/a, no sentido de que, diversas vezes, ambas as partes engajam-se em brincadeiras, dialogam e constroem momentos e experiências em conjunto.

Todos esses fatores, vivenciados de forma ainda breve, me fazem enxergar, na brinquedoteca, um ambiente que contribui, através do ato de brincar, para o desenvolvimento da autonomia das crianças internas, assim como para uma adesão mais amigável aos tratamentos e procedimentos médicos.

Por fim, do ponto de vista pessoal, para além de uma experiência acadêmica benéfica para a graduação, a brinquedoteca vem sendo motivo de diversas ressignificações de conceitos preestabelecidos, bem como um constante motivo de bem-estar e de crescimento pessoal. Até o momento, não houve um dia sequer que, ao final do turno, eu tenha me sentido mal, cansado ou triste. Inevitavelmente, um dia na brinquedoteca significa um dia em que me sinto revigorado, plenamente engajado e feliz com a atividade realizada.

A importância do projeto de extensão T.E.C.A. para a formação acadêmica

Conheci o projeto de extensão através de uma colega da mesma universidade, e me desafiei a participar do processo seletivo ainda estando no primeiro período do curso. Não me arrependo disso. Na verdade, recomendo que todos usufruam da oportunidade, pois é enriquecedora. Começar assim, desde o início da graduação, é construtivo demais, em todos os aspectos, visto que o objetivo não é ter experiência na área de atuação do curso, mas aprender a lidar com o público-alvo.

O dia da seleção foi turbulento para mim, porém, ao chegar sala, já senti um gostinho diferente com a receptividade da equipe avaliadora, ainda sem imaginar os verdadeiros anjos que realmente são. Enfim, passei! Foi uma alegria imensa. Comemorei junto a amigos e à família essa vitória. No acolhimento, mais receptividade ainda: abraços, boas-vindas e muita alegria. Mal imaginava eu o quão bem eu me daria na brinquedoteca, lidando com as crianças junto a essa equipe maravilhosa, tanto de extensionistas quanto de profissionais. As minhas primeiras semanas na T.E.C.A. foram uma mistura de tensão (por receio de conduzir mal as atividades) e, ao mesmo tempo, de leveza, pois foi ali que eu me identifiquei e que me identifico até hoje. Já exerço minhas atividades, na T.E.C.A., há um ano, e o sentimento é de gratidão pela oportunidade incrível, por essa experiência tão significativa, não só para mim, enquanto acadêmica, mas, principalmente, como futura profissional de saúde e como pessoa.

Por vezes, me senti cansada fisicamente, pela soma das tarefas da graduação e das atividades complementares, sem falar do tempo de deslocamento para chegar à T.E.C.A., mas o cansaço físico nunca superou a vontade de estar nesse cantinho. Na verdade, a T.E.C.A. é, além de um espaço construtor na carreira, um espaço de refúgio: é lá que me sinto leve, é lá que renovo minhas energias para iniciar a semana.

Com relação às crianças que passam por nossa T.E.C.A., elas marcam, de uma forma inexplicável, e o vínculo que é criado com a mãe/pai/cuidador, bem

como a confiança que nos é dada, é realmente gratificante. Mencionarei, aqui, uma criança que, para mim, foi um desafio e tanto: A., criança serelepe, competitiva, que não obedecia às regras, ou seja, que tinha todas as características de uma criança que conseguia, facilmente, me tirar do sério. Por isso, A. foi um desafio para mim. Mas o tempo em que ela esteve presente, internada e comparecendo à T.E.C.A., foi tempo suficiente para que eu aprendesse a lidar com a diferença, com o que eu tinha dificuldade, para que aprendesse a lidar com características que me incomodam. Essa é mais uma das que me ensinaram bastante e, mesmo com esses desafios, uma das com as quais mais criei vínculo. O que quero dizer, com isso, é que cada criança que passa por ali, cada pessoa nos traz um aprendizado diferente, que todos são parte do que nos tornaremos em breve, e que nada disso seria possível se não existisse a T.E.C.A.

Para finalizar, quero apenas reforçar minha satisfação por ser integrante desse projeto, que só tem a dar bons frutos. Projeto acolhedor, humanizado, que transforma uma internação estressante e dolorosa em um espaço em que a tristeza não faz morada, que ressignifica o ambiente hospitalar, bem como auxilia no processo de aprendizagem, adesão ao tratamento e enfrentamento das dificuldades encontradas no processo de internação. Faz com que o hospital passe a ser reconstruído, partindo de uma imagem negativa, de um espaço visto como voltado apenas para procedimentos médicos, dor, angústia e sofrimento, para um ambiente lúdico, construtivo e humanizado, um espaço realmente de muita alegria. Não me esquecendo de minha gratidão a todas as extensionistas que, junto a mim, proporcionam bons momentos aos pequenos. Conhecê-los mais, a cada semana, tem sido enriquecedor para mim, assim como ser mais uma tia, que está sempre disposta a atender às necessidades das nossas crianças.

Um lugar encantador

O projeto de extensão da brinquedoteca, mais conhecida como T.E.C.A. (Território Encantado de Crianças e Adolescentes), nos ajuda, a cada dia que passa, a sermos pessoas melhores, que se preocupam não só consigo, mas também com o seu próximo. Ter um tempo livre para o projeto é essencial. Assim, os extensionistas doam-se completamente, fazendo com que as crianças se sintam amadas e acolhidas no ambiente hospitalar, já que, para a maioria, esse é um ambiente que dá medo. As crianças e adolescentes do hospital passam por vários tratamentos por estarem doentes, e isso poderia deixá-los entristecidos. Porém, elas ficam felizes por ter um lugar para brincar, um alguém para compartilhar a diversão, independentemente da doença e do sofrimento, o que é algo incrível para os extensionistas, bem como para quem convive com elas, pois veem a felicidade e o sorriso estampado no rosto, em vez de choros e reclamações. Ser aprovada na seleção do projeto de extensão da T.E.C.A. não foi sorte, mas uma bênção. A T.E.C.A. ajudou-me a superar muitas coisas que eu vivi, e uma delas foi a morte da minha avó. Fazia tempo que eu não passava mais de uma hora com alguém que está se recuperando, em um hospital. Logo depois da seleção, eu comecei a sentir a tristeza de antes, a dor de ver alguém doente. Foi difícil, pois as lembranças, no começo, eram enormes, mas com o apoio das minhas coordenadoras e com o carinho enorme das crianças, eu me renovei totalmente e senti que o meu lugar é ao lado delas. Quando o meu dia não vai bem, basta ir à T.E.C.A. para me sentir melhor, então vejo que o meu dia está começando naquele momento, com sorrisos, carinho, amor, abraços, alegria e harmonia.

O projeto já faz parte da minha vida, e eu quero me dedicar ao máximo para ver essas crianças felizes, não só em casa, mas também no ambiente hospitalar. Quero evoluir, a cada dia, como uma boa profissional e quero sempre estar aprendendo, com cada uma das crianças, o verdadeiro significado do amor, porque, só de olhar para todos os olhinhos delas, eu vejo que amam quando há alguém, na T.E.C.A. do hospital, para brincar com elas.

Brinquedoteca hospitalar: espaço de afetos e trocas de saberes

As atividades de um projeto de extensão, na brinquedoteca da clínica pediátrica de um hospital universitário, foram fundamentais para eu perceber como o brincar pode ressignificar as experiências das crianças e dos adolescentes dentro do ambiente hospitalar.

Ao longo da minha formação no curso de Psicología, pude ter contato com diferentes teorias psicológicas, que me possibilitaram compreender aspectos sobre a subjetividade, e também compreender como a Psicología pode atuar em diferentes espaços. Isso me despertou o interesse de conhecer mais sobre a Psicología Hospitalar. Como estudante, as teorias da Psicología que abordam o brincar, aos poucos, encantaram-me e fizeram-me ter outro olhar sobre esse tema. Então, ao saber sobre um projeto de extensão que desenvolve suas atividades nesse âmbito, fiquei motivada para compreender mais sobre as potencialidades do brincar. Nesse sentido, algumas teorias, como a psicanálise trabalhada por Winnicott e a Psicología sócio-histórica de Vygotsky sobre a infância, foram “janelas” que me fizeram perceber como a Psicología trabalha com o brincar.

Ao ter contato com as primeiras atividades, na pediatria, percebi também uma reaproximação minha com o brincar, por vezes deixado como algo distante. Em nossa sociedade, é comum o brincar ser atribuído a algo que só é realizado na infância e, por vezes, nos impedimos de vivenciá-lo como algo inerente ao próprio ser humano. Ser “gente grande” pode deixar a vida muito “dura”. Percebi que, de fato, eu passei a ver como o brincar não deixa de ser algo que também faz parte das outras fases do desenvolvimento humano.

Nesse processo, pude aprender muito com as crianças com as quais convivi. O ambiente hospitalar é, muitas vezes, assustador até para uma pessoa adulta, pois restringe as atividades cotidianas: uma nova rotina tem que ser seguida, o que pode ser motivo de sofrimento psíquico. Percebi que as crianças encontram, na brinquedoteca, um espaço de ressignificação desse ambiente, uma vez que podem brincar livremente, tendo alguns momentos que “quebram” uma rotina de

procedimentos médicos que as deixam com dor, com medo e também afastadas, por um bom tempo, da convivência com familiares e amigos/as. Esse espaço também é importante para os/as responsáveis pelas crianças e pelos/as adolescentes, sendo um espaço de acolhimento para quem os/as acompanha.

O semear e o colher

20 de setembro de 2017. Recebo uma mensagem, em meu celular, da Vanessa (psicóloga e uma de nossas preceptoras do projeto), dizendo que eu havia ficado no cadastro de reserva do projeto. Nesse dia, fiquei bem triste, mas, ainda assim, houve uma “luzinha no fim do túnel” que brilhou! Fui convidada pela mesma para comparecer ao treinamento/acolhimento que iria acontecer para os novos extensionistas e, em meio a isso, o coração se encheu de alegria. No dia do acolhimento, recebi uma das melhores notícias. Sí, fui aceita para o projeto. Nossa! Como fiquei feliz! Até hoje, recordo-me da felicidade e da gratidão que senti naquele dia.

04 de outubro de 2017. Meu primeiro dia no projeto. Sentimentos frente a isso: muita ansiedade e entusiasmo me definiam. A Sarah (coordenadora e preceptora do projeto) apresentou-nos todo o setor da clínica pediátrica e todas as informações de que precisávamos acerca das crianças.

Ao abrir as portas da brinquedoteca, uma sensação muito boa se apossou de mim, pois, naquele momento, foi como se eu voltasse a ser criança novamente. O fato que mais me chamou atenção foi o de as crianças não deixarem transparecer, em nenhum momento, que estão doentes ou sentindo algum tipo de dor. É como se, quando elas entrassem na brinquedoteca, ali existisse um novo mundo: um mundo só delas, onde elas estão completamente saudáveis e onde a única coisa que importa é brincar, brincar e brincar. Ah, e o mais importante: ser feliz em todos os momentos!

Cada criança se mostrou de forma diferente para mim, pois cada uma tem seu jeitinho único de ser. Uns mais tímidos, outros mais eufóricos, alguns mais rebeldes também, mas todos só queriam estar em seu mundo mágico, o mundo da brinquedoteca.

Contudo, muitas vezes, esses sentimentos tão bons dão lugar a outros um tanto dolorosos, com os quais ainda sinto muita dificuldade de lidar. Do momento em que eu entrei na brinquedoteca até os dias de hoje, com certeza, o mais difícil

de lidar são as perdas. Houve dois anjinhos que nunca saíram do meu coração, L. e P.. Todas as vezes em que entro na brinquedoteca, é como se ainda existisse um pedacinho deles lá, e o que me conforta é saber que, de alguma forma, não só eu, mas todos os outros extensionistas puderam levar amor e alegria, em todos os momentos em que eles estiveram conosco, e isso é reconfortante. Assim, acredito que são esses sentimentos que devem prevalecer, pois, enquanto existir esse amor, as sementinhas da T.E.C.A. nunca deixarão de brotar.

A brinquedoteca me ensinou e me ensina muito, desde o processo seletivo até os dias atuais. É engraçado, porque vamos com o intuito de poder ensinar algo, mas quem nos ensina, constantemente, são as crianças e seus acompanhantes. Lá, aprendi e vi o amor em suas diferentes formas. Volto a ser criança todos os dias em que chego à brinquedoteca, e o brincar vai muito além da palavra e do seu significado: ele abre fronteiras, aproxima as pessoas, dá sentido à vida. São sentimentos como esse que cultivo, cada vez mais, em minha essência, para que eles transbordem não só na minha vida profissional, mas, também, na minha vida pessoal.

Sou grata a todos que fazem parte desse projeto. Sou grata por humanizarem e integralizarem tanto esse processo de internação, que não é nada fácil para as crianças e seus familiares. Sou grata a Deus por poder vivenciar isso. Sou e serei eternamente grata às preceptoras Vanessa e Sarah, por terem me dado essa grande chance e por acreditarem em mim para fazer parte da brinquedoteca. Palavras nunca serão suficientes para expressar o quão feliz e o quão grata sou por poder participar desse projeto tão lindo e encantador, que não só acolhe as crianças, mas nos acolhe, diariamente. Não há preço que pague sair das lutas diárias da graduação e passar uma manhã ou uma tarde com nossos pequenos. É renovador e enriquecedor!

Espero poder semear e colher, cada vez mais, os frutos da brinquedoteca. Que cada criança seja muito feliz, em todos os momentos em que estiverem conosco. Que a felicidade que eu tive, desde o primeiro dia, só se multiplique, e que cada nova

criança que entrar na T.E.C.A. viva a magia que lá habita, que se sinta feliz. E que possamos levar isso a elas sempre.

Diário de campo da T.E.C.A.

Minha experiência no Território Encantado de Crianças e Adolescentes começou no mês de abril de 2018. Como acadêmica de Enfermagem, na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas, vi, no projeto, a oportunidade de lidar diretamente com o cuidado infantil, antes mesmo de começar a ver matérias voltadas à saúde da criança e do adolescente. Logo no início, senti-me totalmente acolhida, tanto pelos profissionais quanto pelas crianças, principalmente pelas crianças, que, com um sorriso e um simples toque, fizeram com que eu me sentisse em casa.

Durante o período de hospitalização, é comum ver as crianças amedrontadas e reclusas em seu leito, porém, na clínica pediátrica do Hupaa, a realidade vivenciada é totalmente diferente. Nós brincamos, vemos filmes, jogamos, conversamos e temos a oportunidade de conhecer cada um que passa pela brinquedoteca, observando diversas realidades e culturas. O projeto tem me ajudado a aprender e a compreender a necessidade e a importância da integralidade na atenção à saúde, bem como a contribuição do brincar para a evolução do quadro clínico das crianças internadas.

Ademais, o Território Encantado de Crianças e Adolescentes me ajudou a crescer como ser humano e como futura profissional. Ver o rostinho feliz das crianças, saber que as mães confiam no projeto e nos seus integrantes, além de vivenciar a ressignificação do ambiente hospitalar, são fatores que me motivam a querer ser espelho desse modelo holístico de cuidado.

Como dito por Charlie Chaplin, cada pessoa que passa em nossa vida passa sozinha e não nos deixa assim, porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós. Sinto que cada uma das crianças das quais nós temos a oportunidade de cuidar e brincar, na brinquedoteca, sai do hospital com um pouco do que cada extensionista tem a oferecer, e deixa conosco uma marca na nossa história e na nossa formação, marcas que serão levadas por toda uma vida, principalmente as daqueles que partiram desta existência.

Nesse contexto, além das experiências vivenciadas diretamente no cuidado infantil, o projeto me proporcionou o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos, que pude apresentar em eventos ou em que participei como coautora, enriquecendo, assim, o currículo estudantil. Como exemplo, cito o trabalho intitulado “As atividades lúdicas desenvolvidas em um ambiente hospitalar e suas múltiplas facetas no cuidado infantil”.

Portanto, o Território Encantado de Crianças e Adolescentes proporciona, a todos os acadêmicos que o compõem, uma experiência voltada às áreas de saúde da criança e educação infantil, além de colaborar no desenvolvimento da humanização no cuidado infantil. Nesse sentido, o projeto também auxilia no processo de aprendizagem, adesão e participação ativa da criança no seu tratamento, constituindo-se um espaço de refúgio lúdico e terapêutico para as crianças e seus acompanhantes.

Impressão prévia e simultânea ao projeto de extensão T.E.C.A.: relato

Era uma quarta-feira, 23 de janeiro de 2018, quando houve a entrevista de seleção para admissão ao projeto. Em meio à correria do dia a dia da universidade, já havia pensado que não teria tempo suficiente para comparecer à seleção e estava condicionado, psicologicamente, pela certeza de que não seria naquele período que faria parte do projeto. Foi durante o intervalo de uma aula que consegui correr contra o tempo e comparecer ao auditório. Não sei se por sorte ou pelo horário, que já se mostrava tarde diante do início das entrevistas de seleção, consegui chegar a tempo e ainda encontrar poucas pessoas à minha frente.

Já na entrevista de seleção, realizada pelas coordenadoras do projeto, Vanessa (psicóloga) e Sarah (terapeuta ocupacional), tive o primeiro contato com o ambiente familiar e de parceria da T.E.C.A. No início, senti-me bastante inseguro, pois a ansiedade havia tomado conta de mim. Estava bem confuso quanto aos critérios pelos quais seria avaliado, e foi pelo clima de descontração e de conversação, pela voz calma, paciente e pelos ouvidos atenciosos da Vanessa e por toda a empolgação, pelo semblante amigável e o sorriso aberto da Sarah que me senti cativado pelo projeto. Dias após, fui surpreendido por uma mensagem que anunciava minha aprovação no projeto e, junto à felicidade proporcionada pela notícia, comecei a sofrer por antecedência. Vieram à mente várias questões que se mostravam como desafios: “Será que conseguirei lidar com as crianças?”, “Será que sofrerei junto a dor das crianças e da família?”, “Será que estarei preparado para tamanha responsabilidade depositada diante da rotina?”. Bom, mesmo diante de todas essas dúvidas, compareci à reunião de convocação para os aprovados e, a partir de experiências relatadas, de conversas fluídas e de um ambiente descontraído e, ao mesmo tempo, bastante educativo, fui abraçado pelo projeto, não somente pelo conhecimento, mas principalmente pelo afeto.

Meu primeiro dia na T.E.C.A. foi algo bem marcante. Fui apresentado, oficialmente, à brinquedoteca. Fui recebido de portas abertas, e a sensação de confiança que me depositavam, mais uma vez, transparecia. Apesar de toda a

euforia para conhecer as crianças, o espaço e, principalmente, apesar da vontade de obter sucesso na execução da atividade que tinha pensado, obtive meu primeiro baque. Percebi, na prática, que, por mais que nos planejássemos, depositássemos o nosso melhor e criássemos um roteiro para um dia, nem sempre tudo iria acontecer como o idealizado. Entendi que estaria lidando com diferentes personalidades e faixas etárias, e que, apesar de todos os meus esforços, o que imperaria seria, sempre, a vontade e o ritmo da própria criança.

A conexão que se cria com cada criança foi algo que se mostrou muito relevante para mim. De início, senti um pouco de dificuldade de cativá-las, e o que antes me parecia mais uma estratégia para obter êxito na execução das atividades planejadas veio a servir como um afago na alma. Toda a insegurança que eu tinha, diante desse primeiro contato com crianças, foi sendo substituída por um resguardo. A cada minuto de atenção que eu depositava, eu recebia o mesmo em resposta, porém, era algo que eu interpretava diferentemente: era algo multiplicado, que representava muito mais do que um minuto de atenção. Há pouco, eu era tomado pelo receio dessa proximidade inicial e, agora, eu estava sendo compreendido e retribuído por alguém tão diferente de mim, seja pelo seu ritmo, seja pela sua maturidade, seja pelas suas ambições e até pela presença da pureza de sua inocência. Foi diferente, foi especial.

Exposto a todo estresse e correria da vida universitária, em cada dia que tenho a oportunidade de comparecer à brinquedoteca, é como se eu me afastasse de todas as minhas responsabilidades da fase adulta e voltasse a ser criança, livre de todos os pesos e tendo, apenas, uma grande preocupação: do que irei brincar?

Mesmo imersos nos maiores esforços, nem sempre conseguimos criar vínculos ou, ao menos, um contato mais forte com os pacientes, seja pela própria resistência das crianças, seja pela falta de tempo suficiente. Mas, no geral, cada criança que passa pela brinquedoteca toca-me de uma forma diferente, despertando, sempre, uma reflexão ou aprendizado. Algumas possuem uma estada relativamente curta, outras nem tanto, porém, é das crianças que têm as internações mais longas e recorrentes que as maiores lições são tiradas. A força, a coragem e a persistência

são muito abundantes, e torna-se admirável ver criaturas tão pequenas e com tão pouca bagagem de vida sabendo lidar melhor com suas condições do que tantos outros mais velhos e mais conscientes.

Uma situação me fez despertar sobre a sabedoria dos pequenos, diante dos obstáculos que a vida nos apresenta. Certa vez, em um dos exames feitos para tentar diagnosticar a doença de uma criança, notou-se a ausência de seu útero. Sua mãe logo caiu em tristeza e, apesar da certeza de que não poderia gestar um filho, a criança, sem nem titubear, rapidamente e com toda firmeza, tentou solucionar o desânimo da mãe: “Ligue não, mãe! Eu adoto”. Hoje, situações como essa me fazem racionalizar as situações de estresse do dia a dia, me fazem repensar se algo é, realmente, relevante para me deixar triste ou estressado.

Outra vez, tive a vivência junto a uma criança extremamente esperta, sociável, rápida e sempre participativa. Por estar, a toda hora, com vontade de brincar, me transparecia a sua imensa vontade de viver. Todas as manhãs em que eu estava na brinquedoteca e convivia com essa criança, momentos de reflexão tomavam-me: “Como pode uma criança com tanta vivacidade, com tanta inteligência, possuir um transtorno tão grave e tão comprometedor a ponto de reduzir sua expectativa de vida a, em média, 15 anos?”; “Como pode tal criança viver tão feliz e com os pensamentos tão afastados da certeza e da proximidade de seu futuro?”. Foram manhãs assim que me fizeram refletir sobre o tempo e suas fases, sobre a importância de viver menos ansioso e menos desprendido do futuro. Essas manhãs me fizeram pensar mais no que estamos vivenciando no nosso dia a dia e viver tais experiências de forma mais intensa, aproveitando e vendendo, sempre, o lado positivo das oportunidades e das adversidades que o dia nos oferece. Apesar da angústia que a situação me trouxe, me fez viver cada momento sem a menor necessidade de entender demais, junto à cautela de não ultrapassar o entendimento do próprio tempo e tendo sempre em mente que, só aniquilando tudo que não for vida, terei a certeza de que, quando morrer, descobrirrei que vivi. Apesar do pouco tempo como extensionista do projeto, me sinto bastante realizado e ciente da oportunidade que me foi concedida. Além de sentir que as práticas se

mostram bastante eficientes quanto ao desenvolvimento de minhas habilidades, tais momentos se mostram como experiências únicas, e tenho certeza de que serão fatores marcantes na minha vida acadêmica e, principalmente, pessoal.

Este livro é um relato da experiência de uma extensão universitária, a T.E.C.A. - Território Encantado de Crianças e Adolescentes, que atua em uma brinquedoteca de mesmo nome, situada em um hospital de ensino e assistência do município de Maceió / AL.

